Cinearte

ANNO V N. 204

BRASIL, RIO DE JANEIRO, 22 DE JANEIRO DE 19[illegible]

Preço para todo o Brasil 1$000

FRED
MOULIN

RAMON NOVARRO

# Um livro de sonhos e encantos...

**Trichromias que são quadros lindos...**

Toda a galeria de artistas brasileiros...

**Centenas de photographias ineditas.**

*Ruth Roland, em casa, restabelecendo-se de um accidente, com o Cinearte-Album, deste anno.*

**40 retratos maravilhosamente coloridos...**

Uma capa linda com GRACIA MORENA...

**Contos, anecdotas, caricaturas e historias bonitas...**

# Cinearte=Album para 1930

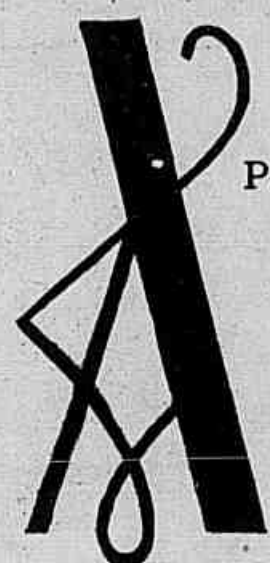
**EDIÇÕES ESGOTADAS EM 5 ANNOS SEGUIDOS.**
**AGORA E' O MAIOR E O MELHOR DE TODOS.**

*Confissões das telephonistas dos studios... Belleza!... O livro de William Hart... Greta Garbo... Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... O film colorido.*

Faça desde já o pedido do seu exemplar, enviando-nos 9$000 em dinheiro em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio. SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio.

"To Long Letty" tambem foi refilmado. Patsy Ruth Miller, Bert Roach (Volta a fazer comedia em uma parte com Nelly Edwards, amigo Bert!) Holl Cooley da "Bola de Bronze" e outros que já estão passando...

"Darkened Rooms" da Paramount, tem Evelyn Brent e Neil Hamilton. A critica diz que é um bom divertimento. Tem numeros de musica, dialogos, outros numeros de gramophone e tambem o Wallace Mac Donald, a Doris Hill e a Gale Henry. Muito divertido!

NORMA SHEARER E ROBERT MONTGOMERY
EM
"THEIZ OWN DESIRES"



A PARTIDA de Rombanez, a gente da Paramount Pictures para New York e California "afim de" (segundo declarações que á imprensa fez) estudar o mercado productor, por, se ao par das ultimas innovações introduzidas quer na industria, quer no commercio de films" offerece margens a consideração sobre esse assumpto.

A Paramount é, incontestavelmente, a marca de maior predilecção em nossos mercados; soube crear-se um credito até aqui inattingido por outras; programmas organizados com os seus films sempre se destinavam ao exito.

Deve ella esse exito á sua politica productora em que o grosso da producção, a media dos programmas communs guardam sempre uma linha discreta sem se precipitar na mediocridade; nem altos, nem baixos; quasi sempre o mesmo nivel. E como extras uma serie de super-producções muitas das quaes consagradas, já pelo publico, já nos concursos da imprensa profissional como verdadeiras obras primas da cinematographia.

Não vamos aqui citar nomes, relembrar suas producções. Nossos leitores, ao por do movimento cinematographico terão em memoria esses films a que nos referimos.

Isso foi porém no tempo do film silencioso. Veio depois o film sonóro.

A Paramount, como todas as grandes empresas, acompanhou a evolução, passou a empregar todos os seus esforços, toda a sua actividade na confecção desses films, descuidando dos mais.

D'ahi ter baixado de muito o nivel de sua producção silenciosa, relegada a segundo plano. Isso que aconteceu aliás com todas as outras empresas productoras fez com que o prestigio da grande marca outr'ora vencedora incontestada fosse aos poucos se perdendo.

Antigamente bastava por á porta de uma sala de projecções o letreiro "E' um film Paramount" para a clientella affluir.

Hoje, o mesmo já não acontece.

Tem razão pois o sr. Rombanez de ir a New York e alhures estudar os meios e modos de manter o enfraquecido prestigio da marca que representa no Brasil.

Terá ensejo de dizer aos maioraes da empresa que nós brasileiros torcemos o nariz ao film dialogado; admittimos o synchronisado; mas refugamos com todas as nossas energias as versões silenciosas, sobrecarregadas de legendas explicativas que nos estão a impingir os productores "yankees" e que acabarão por deixar os Cinemas ás moscas.

Tudo isso e mais alguma cousa, dirá Rombanez, se a sua viagem não for igual a tantos outros que fazem astros cinematographistas... E necesseriamente verá os meios de obter uma serie de films silenciosos capaz de servir as suas linhas que sem essa injecção de sangue novo acabarão por desapparecer completamente, diante da indifferença do publico. A clientella que fala o portuguez e o hespanhol merece das empresas productoras alguma consideração.

Não é demais que levando isso em consideração a Paramount adopte uma nova politica que restituindo-lhe os mercados peridittantes lhe restitua, ao par, o prestigio que vae perdendo com os seus films sonoros, proprios apenas para os grandes centros de habitação e as versões silenciosas desses films para a grande maioria do publico e das salas de exhibição. E' o que nós de coração, esperamos da viagem de Rombanez aos meios productores.

# Cinema Brasileiro

*TAMAR MOEMA...*
*é paulista e está no Rio*

( De PEDRO LIMA )

O Cinema Brasileiro avançou mais um grande passo no anno passado.

Produzimos, é verdade, onze films, o que não é um coeficiente bastante para podermos dizer que já não precisamos mais aturar estes films communs que ainda hoje correm em nossas télas, vindos de todas as procedencias. Mas pela qualidade de alguns delles, e pelo exito que alcançaram, não será prematuro suppôr que, dentro em pouco só teremos em nossas télas as bôas, as verdadeiras producções de merito dos Studios de fóra.

E não se diga que a nossa producção não tem tido acceitação.

Antigamente sim, exhibir um film nacional, por melhor que fosse, era um problema dos mais serios. Tanto que um film nosso, quando conseguia ser exhibido, era motivo de jubilo igual aos que os antigos locadores sentiam quando o velho Palais ou o Pathé, ou mesmo o velho Odeon se dignava passar um film americano, offerecido quasi, graciosamente.

Mas agora as cousas mudaram.

Mesmo sem o advento do Cinema falado, já estava garantida a acceitação das nossas producções, quanto mais agora que os films graphonizados têm registrado verdadeiros fracassos, quando ainda não depreciam a maior das Artes, com essas detestaveis versões mudas, que constituem o maior attentado que já se fez contra o Cinema.

E os nossos films, ansiosamente esperados pelo publico, são os que despertam maior attenção.

Tanto assim, que todos os onze films produzidos foram exhibidos, em Cinemas de importancia.

Não incluindo "O transito", confeccionado em 1928, o peor que já sahiu dos nossos Studios nos ultimos annos e só agora exhibido.

S. Paulo foi ainda que apresentou em 1929 o maior numero de films, a saber:

"Acabaram-se os Otarios", da da Synchrocine, estreado no Theatro Santa Helena.

"Piloto 13" da S. A. F. a ser exhibido no Paramount.

"São Paulo a Symphonia da Metropole", da Rex Film, estreado no Paramount.

"Emquanto S. Paulo Dorme" da Victoria Film, estreado no Interior do Estado.

"A Escrava Isaura" da Metropole, estreado no Odeon.

"Fragmentos da Vida", producção Medefer da Rossi Film, tambem exhibido no Odeon.

Depois vem o Rio de Janeiro com:

"Veneno Branco" da S. B. F., estreada no Theatro Phenix.

"Symphonia da Floresta" do C. N. E., estreado no Gloria.

A seguir temos Minas Geraes com:

"Sangue Mineiro" da Phebo, a estrear no Rialto.

"O Bohemio" da Libertas Film exhibido no interior.

Finalmente o Rio Grande do Sul nos deu:

"Revelação" da Uni Film, estreado em Porto Alegre.

Onze films ao todo. Mais "O Transito" da S. P. C. F. estreado no Pedro II de S. Paulo. De todos esses films, apenas poucos dizem do progresso do nosso Cinema. Mesmo assim, foi o anno que o nosso Cinema despertou maior attenção do publico.

*Carmen Santos e Paulo Morano em "Labios sem beijos".*

Registrou-se, tambem, o grande exito de bilheteria com "Braza Dormida", no Pathé Palace, exito que mais ou menos se tem confirmado em toda parte, só ultrapassado por "Barro Humano", que bateu todos os records de bilheteria do Imperio e tem se collocado entre os films que mais renderam durante anno. Aliás, se o film da Phebo serviu para chamar a attenção para as modernas producções do nosso Cinema, o film da Benedetti veio revolucionar o meio cinematographico, mostrando as nossas possibilidades, os nossos conhecimentos cinematicos, e apresentar uma forma de publicidade completamente nova e acertada.

Tambem foi 1929 o anno em que melhor se firmou a orientação do nosso,

*DIVA TOSCA é carioca e está em São Paulo*

Cinema, revelando artistas novos, mantendo uma certa unidade de acção, e principalmente preparando os planos que se delineiam para o corrente anno, o mais prospero, sem duvida, de quantos já tivemos.

Assim é que vemos erigir-se o primeiro e verdadeiro Studio do Cinema, com uma area approximada de oito mil metros quadrados, o "Cinearte-St... " onde serão produzidos muitos dos nossos films.

E em producção, para principio de anno estão já os seguintes films:

"Rosas de Nossa Senhora" da Astro Film.

"As Armas" da Cruzeiro Film.

"Luzes que se Apagam" producção Medifer da Rossi Film.

"Saudade" producção Cinearte da Benedetti Film.

"Religião do Amor" da Aurora Film.

"Labios sem Beijos", producção de Carmen Santos.

"Destino das Rosas" da Libertas Film.

Além desses, existem muitos outros em preparativos e outros que principiados o anno passado ainda não terminaram e não se sabe se serão levados até ao film.

Eis em linhas geraes o que foi o anno passado para o nosso Cinema, e o que será 1930.

---

"Cinearte" recebeu, agradece e retribue, os votos de Bôas Festas e Feliz Anno Novo, enviados por Ruth Roland, Maria Alba, Sue Carol, Lily Damita, Alice White, Nita Ney, Rosa Maria, Dustan Maciel, Metropole Film, Consuelo, Charles Scaramouche, A. R. Gewer do departamento estrangeiro da Paramount, Gymnasio Pio Americano, Estado Maior da publicidade da Light, Tamar Moema, Sylvia Araujo, E. M. Bentes, João Torá, Celestino Silva pela "Casa dos artistas", Alma Flora e Elvira de Jesus da companhia Jayme Costa, Enri Couto, G. R. O'Neill, da Pathé, Wilson Mayer Studio, Laura Galaviz da R. K. O. de New York, A Eclectica, Valentin A. Harris e Cia., e Agencia M. G. M. do Rio.

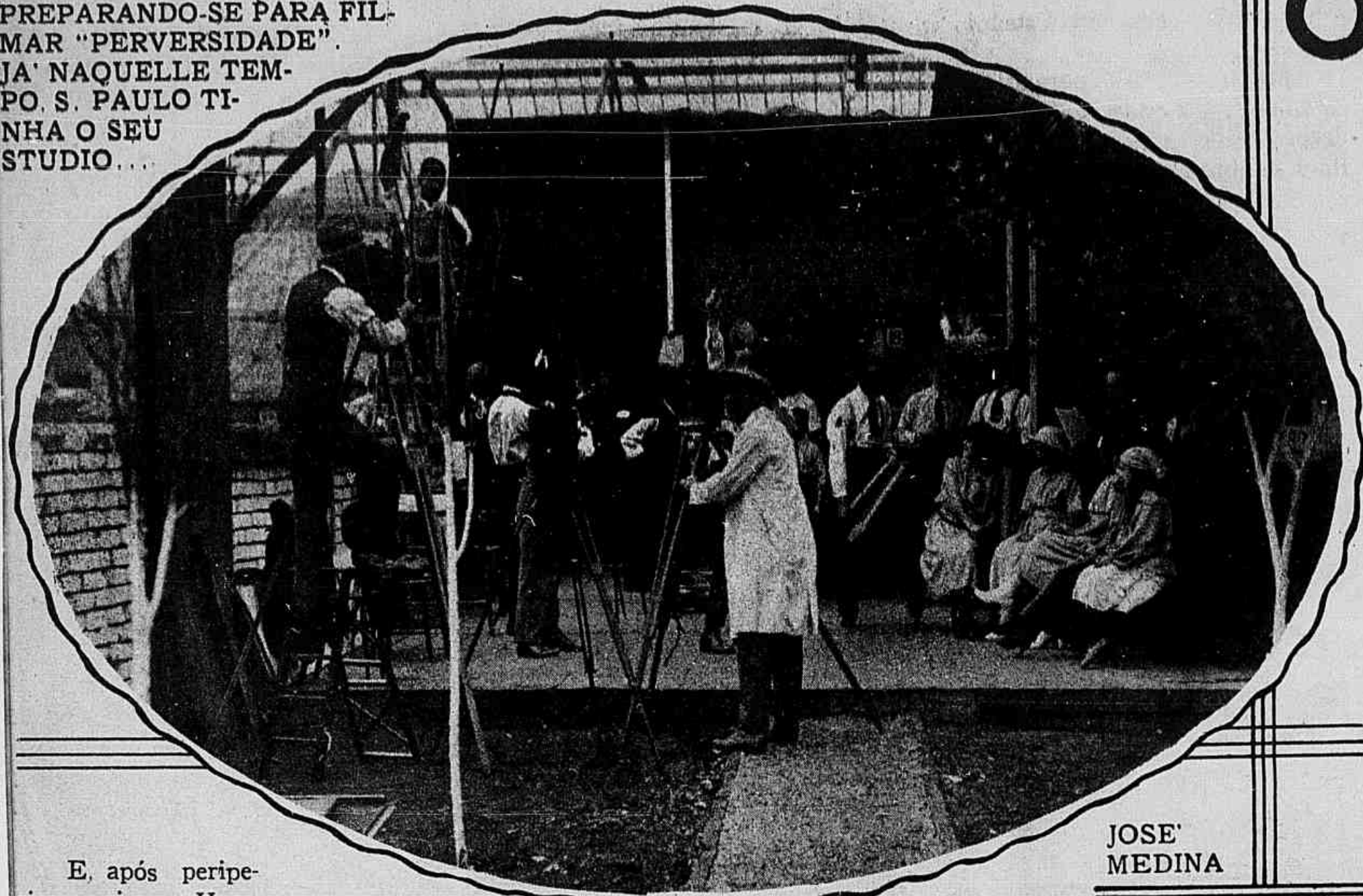
---

Victor Varcani, nasceu em Kisvard, Hungria, no dia 31 de Março de 1896.

*NOEMIA NUNES... já viram os olhos da Noemia?*

# O Fernão Dias

PREPARANDO-SE PARA FILMAR "PERVERSIDADE". JA' NAQUELLE TEMPO, S. PAULO TINHA O SEU STUDIO...

JOSE' MEDINA

E, após peripecias varias, o Votorantim F. C., venceu o seu antagonista. Partida renhida. Disputadissima! E, emquanto todos sahiam, gritando e vivando seus heroes, Alberto Botelho, sorrindo, carregava a sua machina ao hombro e, intimamente, felicitava-se pelos aspectos notaveis que conseguira apanhar. Caminhando, monologava. — Que successo!

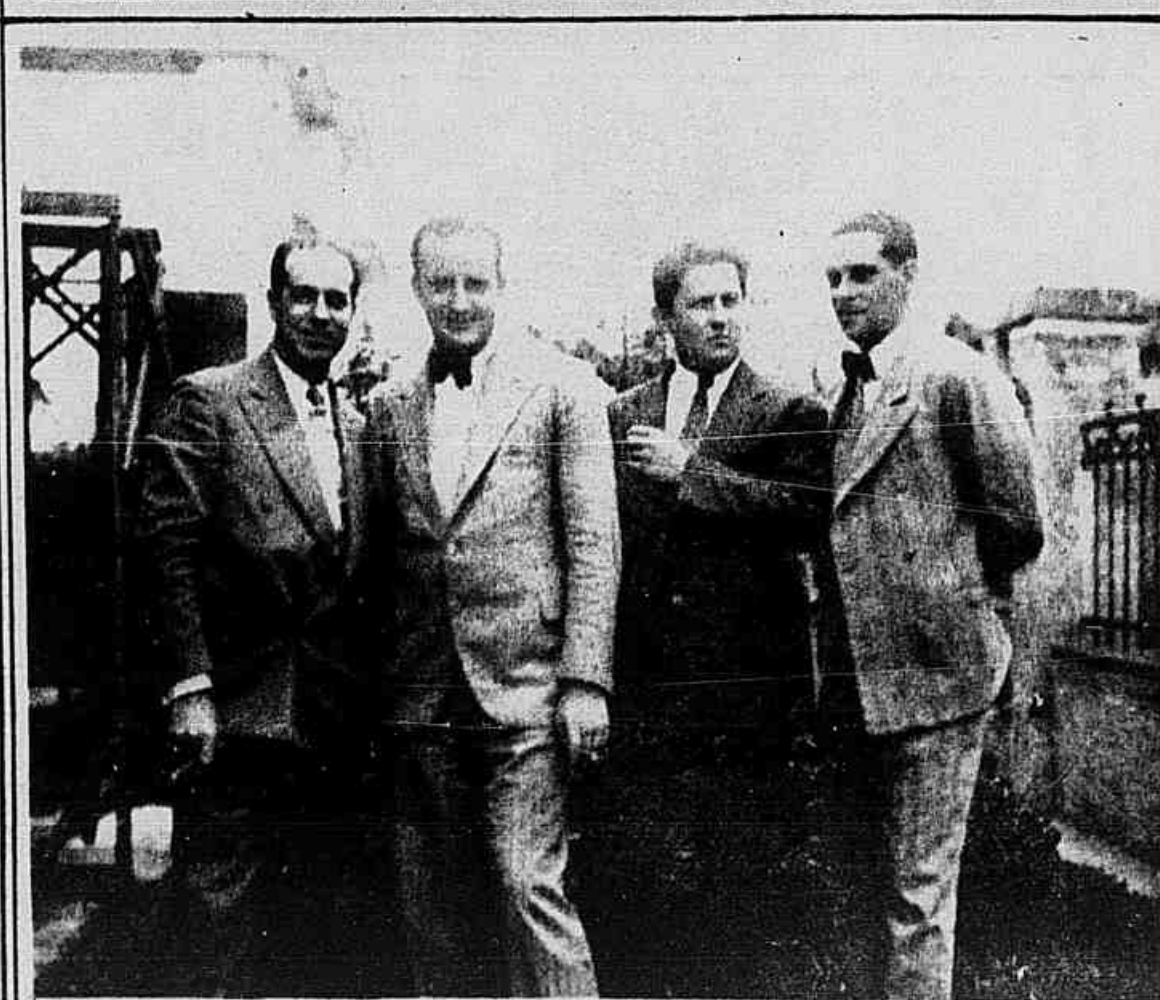
Ao virar uma esquina, ao fundo de um quintal de muro arruinado, notou, imponentes e imbuidos dos seus papeis, um grupo de rapagôtes que, solemnes, representavam um dramazinho impressionante. Deixou a machina e, pé ante pé, chegou-se perto do grupo. Ninguem o presentiu.

Entre elles, maiorzinho e compenetradissimo do seu papel surge um joven. Vendo, ao fundo da scena um seu companheiro que abraçava uma menina, naturalmente a ingenua, atira o braço ameaçador e, tirando da cintura um punhal de madeira, avança, gritando. Miseravel! Abandona minha noiva e vae ao diabo que te carregue! Quero comer o teu coração e devorar tua alma! Parte antes que mande uma tijollada no côco! E o outro partia. Então, imponente, atirando o chapéo de papel para o lado, bigode quasi cahindo, o joven aproximava-se da menina. Tomava-a nos braços e ia beijal-a, quando limpando o nariz na manga do paletot sujinho, sae-se um meninote do grupo e grita para a menina. Maria: Se óce beija o Zé eu conto p'ra Papae!

Botelho soltou tremenda gargalhada e por pouco que não dispersa o grupo. Avizinha-se. Consegue, com um pacóte de pipócas reunir o grupo, de novo.

Quem é o chefe disso?

Approxima-se o Zé. O maior delles. Mas, visivelmente, um creanção.

MEDINA EXPLICANDO UMA SCENA DE "GIGI" A' CARLOS HAILLOT...

NA CASA DE MEDINA, DURANTE A RECENTE VISITA QUE A. GONZAGA FEZ A S. PAULO. OS OUTROS SÃO CARLOS FERREIRA E OCTAVIO MENDES, DE "CINEARTE".

— O que é isso? Que historia é essa que vocês estão representando?

O rapaz explica. Trata-se do gremio infantil de Votorantim. Elles estavam ensaiando para a festa do domingo da Paschoa. Iam levar á scena, no Cine Votorantim, após o film de Za-La-Mort, "O Apache e a Mulher" o drama "Vingança de um Covarde".

Botelho tornou a rir. Perguntou-lhe se queriam ser filmados. Ao ouvir falar em Cinema, o chefe da Companhia, o Zé, approximou-se, sem cerimonias.

— Pois eu sou o ajudante do operador de Cinema daqui! O senhor quer tirar fita da nossa peça?

Botelho disse que sim. E, sabendo, admirado, que a peça éra escripta pelo proprio rapagóte, filmou-os, como curiosidade, em algumas passagens do seu infantil e ingenuo drama. "A Vingança de um Covarde". Partiu para São Paulo, mais tarde e, em Votorantim continuou, progredindo, o Grupo Dramatico.

O seu chefe, o Zé, é, hoje, o homem que dirigiu "Fragmentos da Vida" e mais uma série de films cujas historias vão abaixo narradas. Chamava-se elle José Medina e já tinha, desde pequeno, uma quéda desusada pelo Cinema e pela paixão de dirigir representações.

Nascido em Sorocaba, em 1894, e, mais tarde tendo-se transportado para Votorantim, cidade proxima, veio, para São Paulo, sósinho, aventurar-se a ganhar o pão do seu sustento e, tambem, para ver se conseguia attingir seus ideaes de arte.

Começou a sua vida, rapaz de modestas posses, humilde, como mensageiro. E, á noite, cursava o Lyceu de Artes e Officios onde se aperfeiçoava na arte da pintura de casas, taboletas de reclame etc.. Lógo que teve um peque-

# Paes Leme do Cinema Brasileiro

(Octavio Mendes, escreveu especialmente para "Cinearte")

no capital, sem mesmo ter completado seu curso que corria brilhante, ingressou para a officina de pintura de Luiz Franco da qual, um anno após, brilhantemente, tornava-se, pelo seu desusado esforço e honestidade, socio e, pouco depois, proprietario. Esta officina, aliás, ainda existe, até hoje e Medina ainda é seu interessado e orientador.

A' noite, para melhoria das suas finanças e para, tambem, estar sempre em contacto com o seu ideal, a Cinematographia, era ajudante de operador do antigo Bijou Theatre. E foi nesse Cinema que iniciou a sua grande amisade com Francisco Serrador, e foi para esse mesmo Cinema que fez os primeiros reclames de Cinema e, ainda, o primeiro que escreveu aquellas taboletas que hoje quasi não mais se usam as portas dos Cinemas e que antigamente. tão communs eram.

Assim, vendo que os seus esforços, guiados pela bôa estrella da sua força de vontade inquebrantavel, José Medina prosperou. E, já bem melhor de situação, travou amisade com Arthur Figner, da Casa Edison, o qual, sabendo do seu enthusiasmo pelo Cinema, convidou-o fazer uma visita aos Estados Unidos.

Assim, em 1915, para assistir filmagens e quasi totalmente desprevenido pois confiava sempre na sua bôa estrella, Medina embarcou em companhia de seu amigo para New York.

Lá chegado, para manter-se e emquanto, nas horas vagas inspeccionava o que queria, Medina montou uma officina de pintura á Tiemann Place, da qual officina, ainda guarda alguns cartões dos quaes deu-me um. E assim, tendo deixado os seus negocios muito bem entregues nas mãos de Carlos Ferreira, sem compadre e inseparavel amigo, começ[...] a travar co[...] tacto mais direc[...] com o que pr[...] priamente se chama[...] Cinema. E, enthu[...] asmado, fez visitas aos studios locaes.

RAPHAELA COLLADO E JOSE' MEDINA EM "COMO DEUS CASTIGA".

Tempos depois, regressou. E, chegando [...] Rio e vendo as possibilidades da praça para o [...] mo de negocio á que se dedicava, montou nova o[...] ficina na Capital da Republica e lá viveu dois a[...] nos, mais ou menos, sem, todavia, olvidar os se[...] sonhos ainda não realisados.

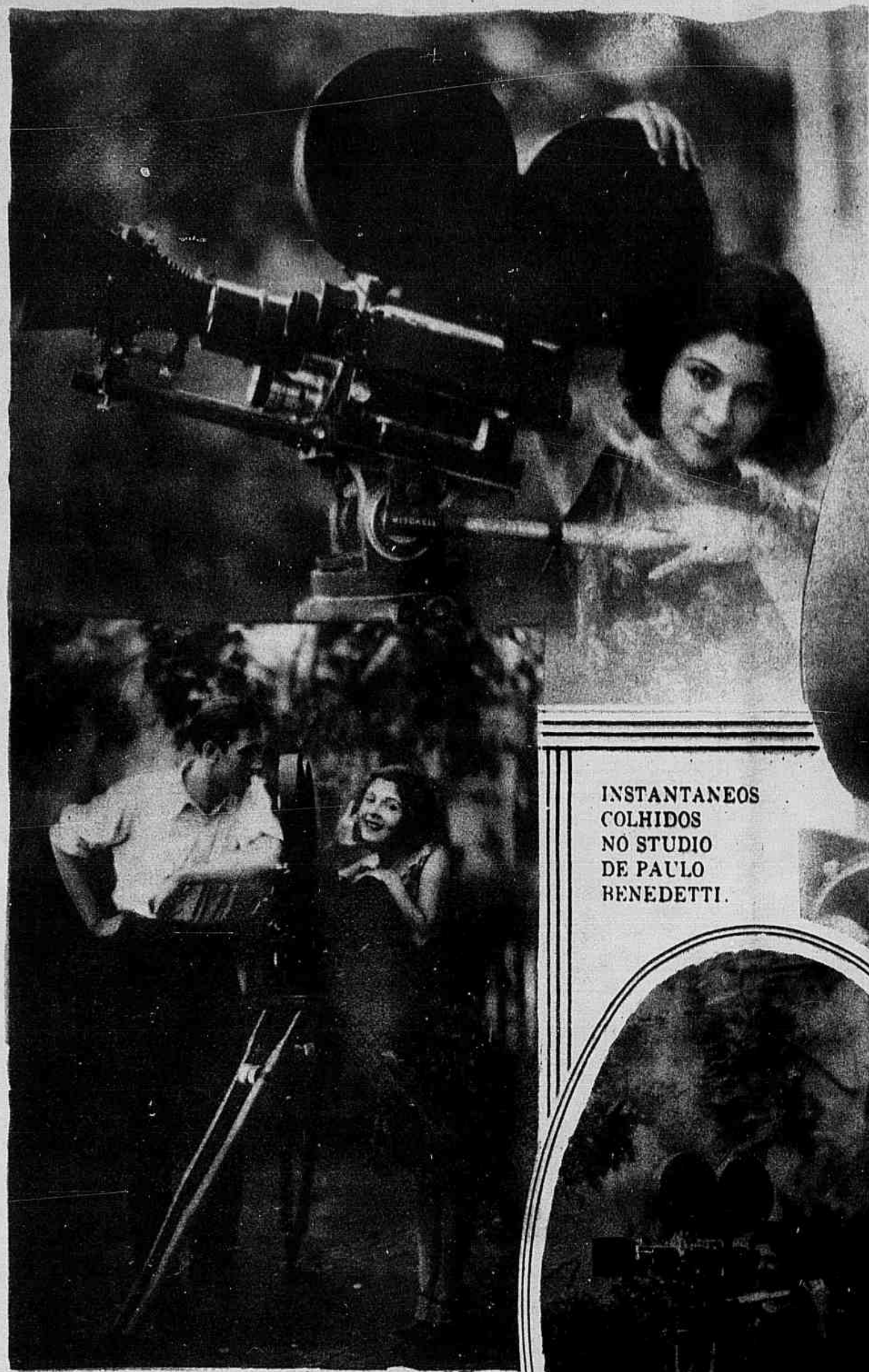
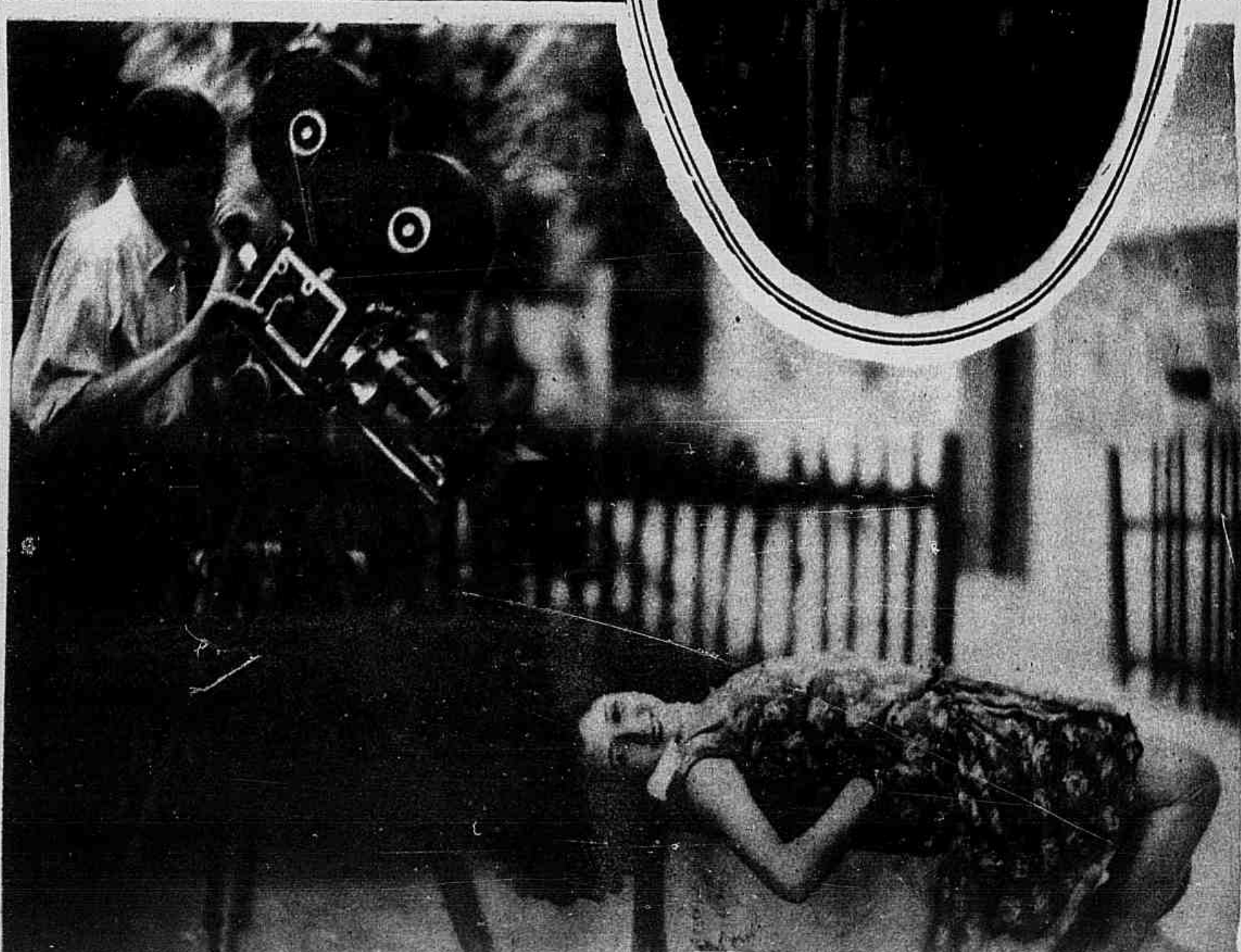
Um bello dia, com um seu amigo de São Pa[...] lo, foi-lhe apresentado Gilberto Rossi que se ach[...] va a passeio pela Capital do paiz. Começaram [...] conversar. E, sabendo que Rossi era operador [...] que tambem tinha os mesmos sonhos de arte, r[...] solveu, de prompto que, ambos, formariam, e[...] São Paulo, a Rossi Film. Para filmagem de arg[...] mentos curtos e alguns de longa metragem [...] tambem, do Rossi Actualidades para correr qui[...] zenalmente.

Se tanto combinaram, melhor fizeram e, a[...]

(Termina no fim do numero).

'DO RIO A S. PAULO PARA CASAR". VENDO-SE REGINA E MARIA FUMA, JOSE' GUEDES, CARLOS FERREIRA, WALDEMAR MORENO, MEDINA E MARQUES FILHO, DIRECTOR DA "ESCRAVA ISAURA" E O VILÃO PREFERIDO DO DIRECTOR DE "FRAGMENTOS DA VIDA".

INNOCENCIA COLLADO, JOSE' MEDIN[A] E REGINA FUMA EM "PERVERSIDAD[E]"

# A "Mitchell" que vae photographar "Saudade"

INSTANTANEOS COLHIDOS NO STUDIO DE PAULO BENEDETTI.

MARIO MARINHO E TAMAR MOEMA JA' COMEÇARAM A SER OLHADOS PELAS LENTES...

Já começaram os trabalhos para a construcção do "Cinearte-Studio" e esta foi a primeira estaca do muro de cimento armado do lado da rua Vieira Bueno. Mario Marinho, Paulo Morano e Maximo Serrano correram lá, pensando que já estavam promptos os seus camarins. Tamar Moema chegou a esta hora para fazer uma visita, mas não se preoccupou com os camarins porque ella terá um pequeno "bungalow" especial. Tamar é uma das unicas figuras effectivas das "Producções Cinearte". Cada dia está mais linda!

# Pergunte-me Outra

ENRI (Rio Grande) — Tenho aqui oito cartas suas. Por isso, tratarei apenas das perguntas mais importantes. Interessantissima a sua estatistica de minhas respostas. Veremos neste anno! E você teve onze, hein? Falei á Diva sobre o Jack e ella ficou surpreza com as photographias. Agora que se iniciaram os trabalhos de construcção, vocês saberão de todos os detalhes, fiquem certos. Não vêem as photos desta pagina? "Lyrio" não foi do tempo de P. V. Jack póde vir, será bem recebido pelo pessoal aqui.

MELISSINDE (Rio) — Ainda bem. Foi feito para você tambem... eu sei. Como posso explicar se não quer responder. Passei as minhas ferias nas montanhas e fiz uma visita a todos os artistas brasileiros. Não gosto das praias, você não sabe porque! Ha muito tempo, acredite, que eu desejava cural-a, mas você não entende quando eu falo de Griffith...

JACK QUIMBY (Rio Grande) — O nosso Cinema tem o seu plano delineado. O seu futuro é garantido, seja o Cinema estrangeiro falado, mudo, silencioso, prohibido ou livre. Recebi, mas as photos estão fracas. Breve verá photos interessantissimas de Diva Tosca, especiaes para "Cinearte"! Você poderá enviar-me seu endereço. Para mostrar a nossa lealdade, damos-lhes a noticia primeiro com photos exclusivas. Vamos publicar muita cousa. Nada,, Baclanova ainda lá está. A copia de "Barro" para Argentina é nova.

D. JOCA (Rio) — Ella quer 25 centavos (dois mil réis mais ou menos) por uma photo de oito por dez. Um dollar por uma ampliação de 11 por 14 ou colorido a mão do primeiro tamanho. Póde-se enviar, mas é perigoso. Ha muita exploração nesses pedidos. Secretarios piratas, etc.

ANTONIO FREITAS (Bello Jardim) — Ora essa, onde você viu meu retrato?

Não costumamos enviar retratos ou quadros de artistas aos leitores.

P. ARAUJO BASTOS (Pará) — De facto, isso tem acontecido, mas já tomámos providencias definitivas.

MARY DE LORENA (S. Paulo) — N. Shearer é canadense e Mary Philbin americana. Não são parentes. Não precisa enviar dinheiro.

MINERVA (S. Paulo) — Não.

GID BRANDÃO (Ilhéos) — Fox Studio, Western Ave, Hollywood, Cal. As cartas para esta secção devem ser dirigidas para Operador, Cinearte, Travessa Ouvidor, 21, Rio.

CINEMAN (Rio) — Foi entregue ao encarregado da secção. "Sangue", aqui no Rialto, no dia 27.

MISS FEIA (Rio) Muito obrigado por tudo, amiguinha!

VAL (S. Luiz) Obrigado. "Cinearte" será augmentado lá para Março ou Abril. Será mais lindo!

Obrigado pelo recorte. A sua carta, entreguei nas mãos de Carmen Santos.

NELLY (Rio) — Talvez, não. Tamar Moema, Cinearte Studio, R. Abilio 16 S. Christovam, Rio.

MISS CAMPONEZA (S. Paulo) — Sim, é verdade. Não se sabe se deixou. Nils Asther casou-se com uma daquellas irmãs Duncan. Lia não fará mais o film para a Metro. E parece que vae deixar Hollywood!

CONCEIÇÃO FERREIRA (Recife) — Leia a resposta dada a Ed. Novarro. E varias vezes já temos convidado Ary Severo a vir ao Rio.

DAGMAR (S. Paulo) — Meu bemzinho, só folheando a collecção de "Cinearte" e eu não tenho tempo. Agora então, voltei das minhas ferias e encontrei um monte enorme de cartas para responder.

CONSUELO, (Curityba) Mostrei a sua carta ao Gonzaga e elle me disse que lhe escreveu directamente.

R. COLLYER (Ribeirão Preto) — Questão toda de opportunidade, meu caro. Não desanime, mas não faça loucuras.

FAN (Pelotas) Nem todos pódem enviar. Impossivel uma resposta, fornecer o endereço de todos.

ED. NOVARRO (Recife) — Foi entregue ao encarregado da secção. Logo que o film estiver prompto, "Cinearte" enviará um redactor ahi, a Recife, para assistil-o e entrevistar todas as estrellas.

INTROMETTIDA (S. Paulo) — Tem paciencia, bôa amiguinha, mas não dou mais a altura de nenhum artista.

Eu já parecia o Lon Poff de uma agencia funeraria.

A. J. TEIXEIRA (Mendes) — Basta ir a um de cada cidade e saberá dos outros.

CINEASTA (Jequié, Bahia) — Muito bem e muito obrigado. "Sangue", no dia 27, aqui no Rialto. "Ganga" ainda não começou. "A idade das illusões" está parado. O galã de "Saudade" é Mario Marinho.

J. C. ALVES (Cataguazes) — O Gonzaga agradece muito e quanto á sua entrada para o Cinema, por que não fala ahi com o Humberto?

VANDO (S. Paulo) — Octavio Mendes não é mais nosso correspondente ahi. Foi elevado a redactor de "Cinearte" e nomeado secretario do Gonzaga. Está aqui no Rio, agora. E' um rapaz terrivel, que gosta de usar a minha machina de escrever.

RANULIA (Bahia) — Fiquei triste com a sua historia na "première" de "Barro". A qualquer momento os encontrará na gerencia. Barry Norton é argentino. Todos são artistas de Cinema. A questão é encontrar um papel adequado.

A. W. HOISEL (Ilhéos) — Gonzaga está dirigindo "Labios sem beijos" e "Saudade". Não ha razão de ser para estas prohibições. O nosso Cinema está vencendo de qualquer fórma.

SAINT-ROMAN (São Paulo) — Não estou de accordo com você. Aquelle film é detestavel.

ROMEU (Cantagallo) — Todos agradecem. Não publicamos a carta porque temos centenas do mesmo genero. Envie-me sempre criticas dos films brasileiros. O galã já voltou e abandonou o Cinema. No fim deste anno, formar-se-á em medicina.

I. PATTUZZO (Collatina) — 1°) Trabalha. 2°) Não sei agora, no momento. 3°) Isto é com o Sergio Barretto Filho. 4°) Sim, Luiza Valle está bem doente. E por isso ainda não figurou em "Labios sem beijos". 5°) Talvez. Quanto ao Club, é tambem com o Sergio. Recebi as photos, sim.

FRITZ (Collatina) — 1°) "Barro Humano". 2°) Nenhuma, actualmente. 3°) Sim. 4°) Lembranças a Lelita? Sim, será lembrado. 5°) "Sangue".

TULIO AZEVEDO (Christina) — O pessoal chegou até a ficar commovido com a sua carta e leu a sua critica com toda a attenção. Todos agradecem muito.

OYAMA (B. Horizonte) — 1°) Nenhum, que eu saiba. 2°) Sim. 3°) Continúa trabalhando. 4°) Muito boazinha. E aqui ninguem consente que se fale mal della. 5°) Um daquelles officiaes.

CARMEN B. (Rio) — 1°) Lupe e Sary ainda não se casaram e dizem que não pensam nisso. 2°) Ramon está trabalhando na M. G. M. 3°) Sim. 4°) Nasceu em 1892. 5°) Sue e Nick já se casaram.

ROLANDO (Estancia, Sergipe) — Foi entregue. Fale-me do Cinema ahi em Sergipe. Será mais interessante.

ALCIDES (Itapetininga) — Benedetti Film, R. Tavares Bastos, 153, Rio.

SYLVIA ARAUJO (Campina Grande) — Logo vi. Tambem o verá breve.

AFFONSO GORGANO (S. Paulo) — Foi entregue á Benedetti Film.

JORGE (M. Aprazivel) — Toda esta gente desappareceu e alguns não fazem saudades. Fay Wray tem sido bem aproveitada na Paramount. Agora é a época dos artistas brasileiros.

VARGINHENSE — Sö conheço gente de Cinema. E não é pouco!

H. MOURA (P. do Sul) — Tenho recebido todas as suas cartas. Sempre enthusiasmado, hein, amigo Moura? Não tem saudades do Rio?

LEOPOLDO RIETH (São Leopoldo) — Dorothy, M. G. M. Studio, Culver City, Cal. Sue Carol, Fox Studios, Western Ave, Hollywood, Cal. Billie Dove, F. N. Studio, Burbank, Cal. Dos outros, não sei agora.

LEDA (Rio) — 1°) Sim. 2°) "Sangue". 3°) Lelita figura nas producções "Cinearte". Ella é o typo mais bizarro do nosso Cinema. 4°) Paulo Morano e não Marano.

CABRALZINHO (Timbauba) — Sim, Carmen Santos responderá. Cinearte Studio, Rua Abilio, numero 16, Rio.

MARY POLO (Juiz de Fóra) — Obrigado, Mary. O mesmo para você.

O. D. (Pelotas) — Toda a "gang" agradece. Enviei a carta á "Diva", que tambem abandonou o Cinema! Interessantissimo o "C. Artistico". Ora, Violeta não é quem você pensa. Não, Pedro Lima e aquelle gazista. Tambem apparece com o Mauro, na Avenida, como extras, quando Gracia quebra o salto. Gostei da sua critica, você comprehendeu mais o film do que todos os criticos de S. Paulo, por exemplo.

LILY (S. Paulo) — Paulo Morano e Tamar, Cinearte Studio, R. Abilio, 16, Rio.

# Cupido e o Cinema...

*Os beijos de Greta Garbo e John Gilbert são hyper-super-ultra-extraordinarios. Têm a pressão fantastica de uma prensa de ferro...*

*(OLYMPIO GUILHERME, escreveu especialmente para "CINEARTE")*

O amor cinematographico atravessa hoje uma época de franca e perigosa decadencia. E a não ser que os scenaristas do mundo inteiro comprehendam em tempo a ameaça terrivel que pesa sobre o thema-matriz de todas as fitas — amanhã os Cinemas só serão frequentados por crianças menores de quatorze annos.

E' que o amor cinematographico, o amor que nós vemos nas télas brancas dos Cinemas — perdeu completamente o velho prestigio. Já não convence.

Convencional e falso, franzino e falho — aquelles antigos amores da Nordisk ainda estão em vóga. Com a mesma roupa. Com o mesmo ar deslavado e idiota. Com as mesmas juras, os mesmos sorrisos e o mesmo final de pretoria.

Ora, isso é insensato. Toda a gente que ama e vae ao Cinema soffre decepções amarguissimas. E essa decepção é tanto maior quanto mais forte, e romantica, e deliciosa seja a paixão. E' que os namorados do mundo inteiro, e principalmente os namorados latinos, não encontram nos amores cinematographicos um só resquicio de authenticidade, um unico ponto de realidade. O amor do Cinema, superficial e falso, sempre tecido com as mesmas intriguinhas, sempre cercado pelo mesmo ambiente — tomou uma fórma standartisada que já não altera as pulsações ás amantes hystericas dos outros tempos, dos velhos tempos em que a platéa em peso chorava nos lances dolorosos do dramalhão e todas as moçoilas viviam espiritualmente, com faniquitos, os transes amargurados que as Bertinis dramatisavam com punhaes agudissimos, e scenas de tribunaes implacaveis, e filhinhos bastardos e prisões geladas e escuras onde havia ratos mais vorazes do que piranhas...

Emquanto a technica cinematographica galgava assombrosamente a penosa trajectoria que a distanciava da "optical perfection" — o importante problema amoroso ficou estacionado, marcando passo, sem um angulo novo, sem uma feição diversa da que vinha sendo malhada na bigorna de todos os corações ha mais de quarto de seculo. Estacionou. Criou raizes de figueira brava.

Os themas cinematographicos avançaram rapidamente.

Tomaram caracteres novos, differentes, consoante á facilidade com que a engenharia ia contantemente doando á camera, aos scenarios, ás luzes e á parte dictorial das producções maior elasticidade de acção e maior facilidade de manejo. Mas o amor, á volta do qual todos os demais acontecimentos scenicos eram apenas coadjuctores, coordenantes ephemeros — este ficou isoladamente estacionario e immutavel.

A tecla é sempre a mesma. Primeiro — sympathia. Depois a conquista.

Em seguida entra o villão. Finge que ama. O galã desespera. O villão, na ponta do triangulo, vae ganhando terreno.

Mas o film precisa acabar. E lá vem o "fade out" fatal do beijo contra a luz, longo beijo que eu juro que nasceu na escola theatral ingleza do seculo XVIII, em que o convencionalismo de todas as cousas do palco era obra nascida no bacamarte puritano.

A's vezes os themas são differentes. Vão por caminhos varios. Mas a tecla, a pianola, esta fica sempre na mesma. Tentam disfarçar. Arranjam uma symphonica orchestração de sons, de melodias, de belleza. Mas a nota dissonante esta sempre lá, encravada, vulgar, irremovivel.

Ora, não é de extranhar pois que a Pepina e o filho do Lauretti quando vão ao Cinema — sáiam desapontados. Elles amam differentemente. Não beijam daquella maneira. Os seus ciumes não sóbem aos tribunaes.

O villão é um typo normal, um mortal commum, de paletó sacco, caneta tinteiro no bolso de fóra, sem bigodinho e sem nada.

Por isso tudo o amor cinematographico fracassa. E' demasiado convencional. E está velhissimo, alquebradissimo, insupportavel.

O ultimo beijo que hontem, no "United", a Greta Garbo recebeu do galã — foi execravel. Era um beijo absurdo, um beijo inexistivel, um beijo hyper-super-ultra-extraordinario. Tinha a pressão fantastica de uma prensa de ferro. Um beijo-mordida, feroz, da edade da pedra, brutal, selvagem. Tive a impressão terrivel de que não eram dois labios amantes que se acariciavam; o que os meus olhos viam, appalermados, era a luta immensa de dois polvos que se arrasavam por sucção.

E isso é falso. Ninguem beija assim. Ninguem. Nem mesmo a Greta Garbo. Mas ali estava o commando do director. Estava ali a bilheteria, o *money*, o interesse beliscante da malicia, que em se tratando de ser suggerida ás massas, precisa ser pornographia pesada e desastrada.

Isso tudo é desconcertante á platéa medianamente educada. O que os amantes querem, no Cinema, é sinceridade. Sobretudo e além de tudo.

Não querem ser enganados. Em se tratanto de amor querem assistir a um romance onde o amor seja uma possibilidade, uma cousa viavel e não um sonho. Querem-se ver nas entranhas da heroina ou do heróe. Querem viver com elles, ou quando, mais suggestionaveis, querem perceber si lógo ao sahir do Cinema, já ali mesmo o romance da téla vae ter uma

*(Termina no fim do numero)*

ALICE WHITE

CLARA
BOW

MYRNA LOY

HELEN
FEARWEATHER

FIGURINO
PARA O
CARNAVAL.

# CINEMA DE AMADORES

(DE SERGIO BARREITTO FILHO

COMMANDAR... PILOTAR... DIRIGIR...

Estas palavras são endereçadas aos directores amadores. São conselhos dados áquelles que procuram ser directores dos films que tratam de fazer em pelliculas de 9 e 16 millimetros, bem como áquelles que sonham em dirigir, algum dia, uma obra prima do Cinema Brasileiro, impressa em pellicula de 35 millimetros. Estas palavras são, portanto, endereçadas aos directores-amadores, áquelles que hoje me estão lendo.

Ora, vou iniciar este periodo com uma parabola. Muita gente vae dizer que eu estou querendo fazer figuração; mas leiam a parabola, que eu depois lhes explicarei a moral.

Era um dia, um casal que tinha ido ao Cinema, acompanhado do unico filho, um rapazinho dos seus dez annos. O Cinema era o Odeon, ali na Praça Floriano. Ora, todo o mundo sabe que, justamente por ali, passam muitos daquelles omnibus, a maioria dos quaes vem dos bairros elegantes do Rio. E assim, quando o casal acompanhado do pequeno, ia atravessar a rua para attingir a bilheteria do Cinema, appareceu um omnibus. O par, vendo o perigo, puxou o menino para um lado. Mas a mãe, discordando como sempre de sua cara metade, entendeu de puxar o menino em direcção opposta. E assim, preso pelos dois lados, sem poder mexer-se, o pobre rapaz foi terminar os seus dias ali bem perto, isto é, na enfermaria da Santa Casa da Misericordia.

A moral desta historia é muito conhecida. "Panella que muitos mexem, ou sehe insôssa, ou sahe salgada".

O navio tem um capitão. O aeroplano tem um piloto. Assim acontece com tudo, inclusive o cinema. O film precisa ter um director. A sua autoridade deve ser absoluta.

Não quero dizer com isso que, no caso delle ser uma mulher, essa autoridade iguale á de uma daquellas famosas "senhoras de engenho". Ou que a brutalidade de um director para com os seus subordinados seja tão absoluta como a sua autoridade.

Uma vez, uma estrella de Hollywood definiu o director; e fel-o tão bem, que acho opportuno transcrever essa definição.

Eil-a: "Um director não deve ser nem um despota, nem um fraco; mas sim trazer mescladas, em si proprio, as melhores qualidades que tanto um como o outro sempre têm em si".

O Cinema, hoje em dia, é assim como um negocio em que todos querem mandar e ninguem se quer entender. O "prop-boy", a "script-girl", o estrello que se imagina a si mesmo o unico e verdadeiro herdeiro do throno de Valentino, a estrella que se calcula a si mesma com mais "it" que Clara Bow, mais "pep" que Alice White, mais "sex" que Greta Garbo, todos, todos se julgam com autoridade de sobra para metterem o nariz em qualquer assumpto que se discuta. E' esse o grande mal que reina actualmente em Hollywood. Sobre esse ponto, todos estão de accordo. Ha sempre um "supervisor" que intervém no trabalho de um director, ha sempre um "production manager", que intervém em ambos, e por ultimo, ha sempre um financista, com muito dinheiro e ainda mais estupidez, que se encarrega de dar patadas no pobre do Cinema, a torto e a direito. E' a velha historia. "Panella que muitos mexem..."

Só se pódem obter bons resultados, desde que uma só intelligencia, uniformemente, dirija todos os trabalhos.

Durante a filmagem de uma producção, a autoridade do director escolhido deve ser a columna, a parede mestra de toda a obra. O director deve mandar, mas sem dar a entender que dispõe dessa autoridade. O melhor director é aquelle que acceita as bôas suggestões, assim como recusa as más, polidamente, com calma, porém, não menos firmeza.

O bom director deve estar sempre prompto a escutar as opiniões dos que o cercam, mas deve tambem ser rapido e decisivo nas suas ordens. Essas ordens precisam ser terminantes.

O primeiro trabalho de um director tem que ser a procura de um "script". Aqui preciso dar umas explicações. O "script" é dividido em um numero conveniente de sequencias, cada uma das quaes póde levar um titulo apropriado, e sendo umas mais curtas do que outras. O estylo aqui é ainda um pouco literario. Depois é que o "script" se tarnsforma no "scenario" ou continuidade. Ahi, então, as sequencias são divididas em duas cousas, conforme a necessidade, isto é, scenas ou titulos.

Mas voltemos ao "script". Na preparação dessa peça cine-literaria, deve-se pedir a collaboração de todos quantos se interessem pela filmagem. Por fim, o trabalho prompto, deve-se pedir a todos que o leiam, dêm suas opiniões, e, se possivel, suggiram modificações. E' claro que isso irá tomar tempo, mas não será tempo inutil.

Acceitas as modificações e feito um segundo "script", trata-se de lel-o. Todos de accordo, prohibem-se as opiniões e trata-se de scenarizar o "script".

E, então, iniciam-se os trabalhos que, em todas as artes e industrias, se chamam de preparatorios.

No Cinema, os trabalhos preparatorios resumem-se na escolha das locações, na escolha do guarda-roupa, no preparo das montagens, e na escolha do mobiliario. Dentro do Cinema Profissional, o primeiro serviço é entregue aos cuidados do director-assistente, emquanto que os outros tres ficam dependendo do "property-man". No entanto, nenhuma dessas pessôas deve tomar uma decisão definitiva, sem a approvação do director. Mas, dentro do Cinema de Amadores, quasi raramente se encontram directores-assistentes ou "prop-men".

De modo que todos os serviços preparatorios vão directamente para as mãos do director.

O director precisa marcar préviamente os seus dias de filmagem. E como não se póde prevêr o Tempo, é claro e logico que esse é o peor dos trabalhos preliminares. E' preciso considerar o Tempo, o dia, o logar, e a conveniencia de cada um. Ora, nem sempre esses factores combinam. Aqui se trata, pois, de sorte e nada mais. E' preciso prevêr as condições, e não perdel-as, quando são bôas.

A filmagem não deve principiar sem que todos os detalhes estejam bem definidos. O director deve ler a scena para todos que vão tomar parte nella. Ler e explicar o sentido do que procura filmar. A importancia do **facto que se vae filmar** na sequencia, ou melhor, **na continuidade cinematica que o publico verá depois, na tela.**

A época em que só o director tinha conhecimento do que se ia filmar, já passou. Isso era nos tempos em que o Cinema italiano era o dono dos mercados europeus. Hoje, vinte annos depois, os artistas não só sabem o que têm que fazer, como até fazem á sua moda. Esse systema é, aliás, o melhor. O director se transforma em um retocador que procura intervir serenamente. Supponhamos, por exemplo:

— Dinah, diz elle, esta é a scena da nossa comedia, em que você mostra a conta do turco ao seu marido. Este lhe diz que não póde pagar. Ahi você faz um estrillo, e diz que sabe de alguem que o póde. Não se esqueça de que, justamente na scena anterior, você esteve conversando com o Danilo, que é quem faz de villão, na nossa comedia.

Agora, uma coisa. As ordens dadas pelo director não devem ser **gritadas**, devem ser **sussurradas**. Quando o interprete está executando ou trabalhando numa scena, não lhe agrada ouvir, a todos os momentos, palavras asperas, e, muitas vezes, insultuosas. O director precisa ser civil e sociavel. Não custa muito evitar as phrases inconvenientes. Não custa muito dizer "Não é bem isso o que lhe suggeri", em vez de dizer "Isso é uma pinoia, uma bagunca!" O assumpto, como se vê, depende do director. Se elle fôr sociavel, o seu proprio trabalho se abrandará por si.

As proprias expressões empregadas pelo director influem muito no seu proprio trabalho. Expressões como "Tudo estragado!" e "Não está como eu quero" não ajudam o director. Nunca se censure acremente o artista na frente dos outros.

Ninguem gosta de receber "palmadas" em publico. Do mesmo modo, uma censura ao interprete, em publico, seria fatal. Diz-se que certa vez, em Hollywood, um director de fama escapou de ser assassinado por uma falta dessas.

O MEDICO: — Esta creança precisa de descanso. E, positivamente, não póde ser filmada durante seis mezes!

Os novatos não devem "actuar" em frente de um publico numeroso. Para o novato na arte do Cinema de Amadores, a primeira filmagem deve ser feita no recondito de um bosque, numa das aléas de um parque, ou nas areias de uma praia pouco frequentada.

A maioria dos directores-amadores procura tratar o seu "lot", isto é, a companhia, muito familiarmente. E' um erro. E' preciso ser-se affavel, mas não muito intimo. A dignidade do director precisa ser mantida.

Nos navios, até nas barcas da Cantareira, os marinheiros tratam o capitão por "senhor". O director de um film é o capitão da não cinematographica.

Naturalmente, quem não sabe o que quer não póde ser obedecido. Assim se dá com o director. E' preciso que elle saiba de antemão o que deseja fazer, e como prefere que isso seja realizado. A incerteza é um caminho certo que conduz ao desastre completo do que se pocura fazer.

Assim, pois, é preciso estar-se certo do que se vae fazer, e o melhor logar para estudar e analysar essa certeza é nas paginas dactylographadas do "script". Leiam-se e estudem-se essas paginas até que se esteja apto a passar uma tarde inteira filmando scenas. Não se permitta que os interpretes fiquem muito tempo esperando pelo momento da "actuação"; isso faz perder a inspiração. Comece-se o trabalho, com calma, porém, efficazmente.

O partidarismo será fatal a todo e qualquer director. Se se levantarem disputas, não convém que o director tome este ou aquelle partido. O director é o chefe, o piloto da companhia, mas não convém que seja um arbitro de disputas tolas e mais que inadvertidas.

A profissão do director cinematographico é honrosa e obrigativa. Dentro do Cinema Profissional, as maiores honras e os mais altos louvores são dados aos directores de ambos os sexos.

Dentro do Cinema de Amadores, é preciso que se tenha fé nos directores dos seus films. E' essa a razão por que o director-amador deve fazer tudo pelo seu officio. Mas ha uma coisa: os nervos. E' mais do que certo que, quando termine o seu film, o director acabe com a vontade plena de mandar "ao diabo" meia duzia dos interpretes ou, talvez, todo o "lot".

E' como lhes disse: nervos. E, depois, não ha nada para alimentar mais uma disputa do que a diversidade de opiniões.

Deixemos, porém, que o Tempo corra. O film entrará para o departamento de côrte. Será titulado. Será mostrado primeiro aos amigos. Especialmente, para essa sessão de pre-visão, convidar-se-á o "Cinearte". Depois, mostrar-se-á o film a todos os conhecidos.

Será levado a São Paulo e mostrado aos amadores de lá. Tanto o director como os interpretes serão elogiados por todos. E, um bello dia, esquecendo-se de que os tinha mandado "ao diabo", o director, dirá aos interpretes:

— Vocês precisam passar por lá por casa, qualquer dia desses, afim de mostrar-lhes o "script" da nossa nova producção, que vae ser um colosso, mil vezes melhor do que aquella. E logo agora, que vocês já estão treinados...

---

Maximo Serrano anda apaixonado. Terá elle mais sorte do que nos seus amores nos films?

A producção brasileira de 1929 foi de onze films. E todos foram exhibidos. Este anno, o numero de nossos films será muito maior.

"Barro Humano", da Benedetti Film, foi um dos films que alcançou maior exito de bilheteria, no anno. E é um film brasileiro.

"Sangue Mineiro", da Phebo, será exhibido no dia 27 do corrente no Cinema Rialto do Rio.

E' a primeira vez que o publico vae ver, realmente, Carmen Santos em film, apesar della ser hoje a veterana das nossas estrellas...

Maria Alba é a estrella de "Hellis Heroes", argumento que já foi filmado umas duas vezes pela propria Universal. Lembram-se dos Tres padrinhos"?

Elles agora são Charles Bickford Raymond Halton e Fred Kohler.

BebeDaniels já fez outro film para a R. K. O depois de "Rio Rita", Lloyd Hughes, Montagu Love, Alma Tell e Ned Sparks que as vezes é engraçado, tomam parte.

A direcção é de Rupert Julian.

"Tiger Rose" foi refilmado.

Agora, em vez de Lenore Alric, veremos Lupe Velez como protagonista. Gaston Gless, Monte Blue, Bull Montana H. B. Warner e outros cavalheiros mais ou menos cacetes, tomam parte.

"VAMPIRO"
"RUSSA"...

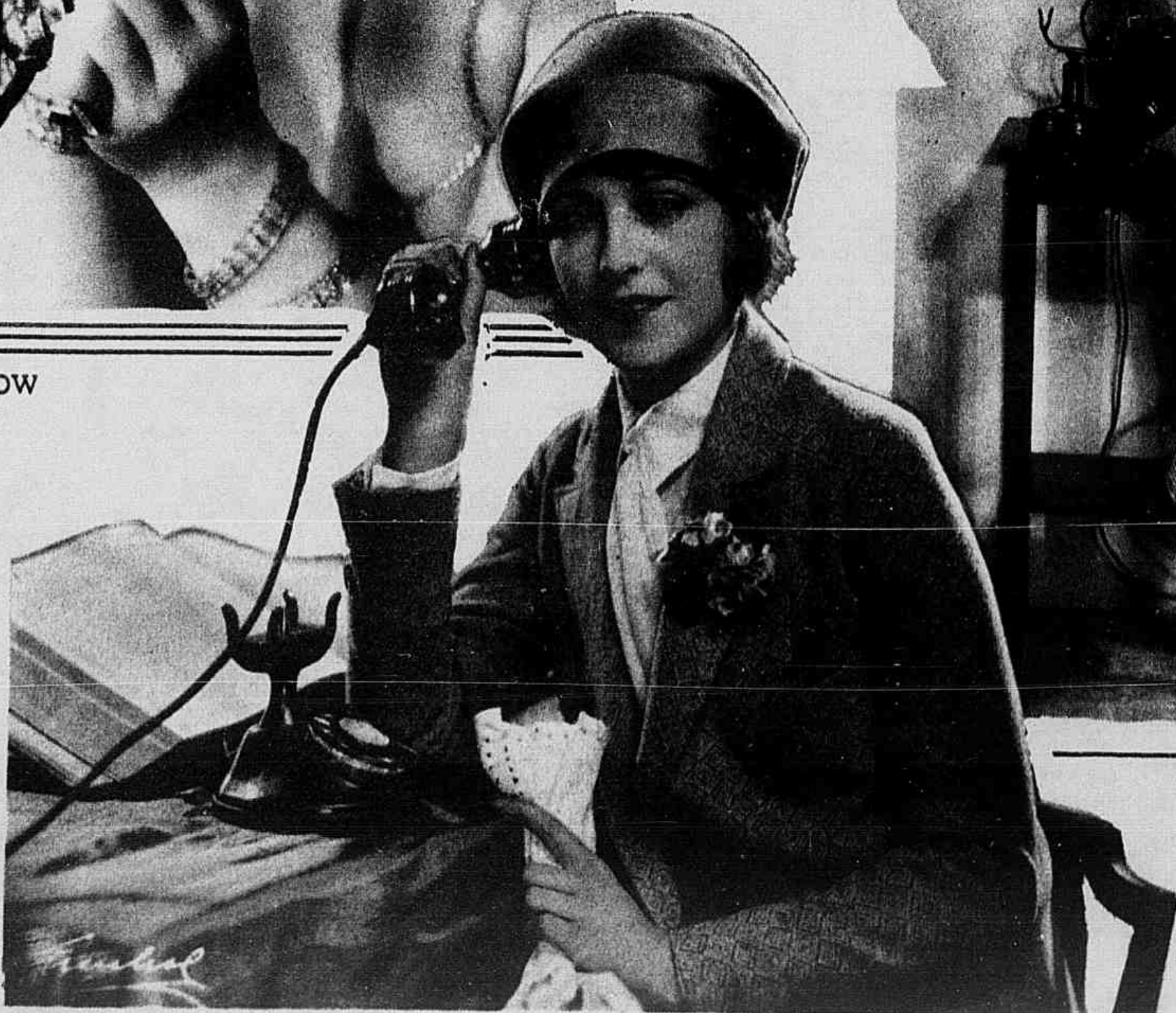
BACLANOVA... E DIFFERENTE

CONSTANCE TALMADGE

LA' EM CIMA, FRANCES LEE.

CLARA BOW

ANITA PAGE

JUNE MARLOWE

CONVERSA "FIADA" AUTOMATICA...

# Desvendando uma nova MAE MURRAY

**A Nova Mae Murray!**

**Isto resôou de uma maneira agradavel, mas poderia, entretanto, ser outra coisa, senão a mesma Mae Murray de outr'ora, cuja tempera realenga, cuja belleza fresca e estonteante, como uma flor humanizada, reinavam ha poucos annos na Cinelandia? A Mae Murray que fascinava multidões á distancia, ao alcance da sua voz douro em cascatas, com pézinhos leves como plumas, colleante, ideal, espiritualizando-se numa apotheose de belleza? A Mae Murray que lutou contra os seus empresarios, discutiu com o seu director, gritou com a sua creada e recusou a permissão para um garoto apparecer num trabalho, figurando ao seu lado?**

**O grande estardalhaço que esse pequenino ser fragil e encantador produziu então, infundiu em todos os que lhe estavam proximos um susto indescriptivel e, naquelles que permaneciam á distancia, a sensação de um ruidoso e hypothetico divertimento. Estavamos habituados áquelles frenisis, áquellas explosões do seu temperamento vulcanico. Esperavamol-o até. E aquillo nos sobresaltou, impressionando-nos, justamente porque nos proporcionou algo além de um divertimento. A empresa admirava em Mae Murray, paradoxalmente, o seu arraigado dogmatismo. Qualquer pessôa do seu "set" tinha certeza de que, caso perdesse por qualquer motivo o seu emprego, seria facilmente substituida. Poderia esperar e arranjar outro, mas quem se importava? Mae Murray, não. Nem a agencia de empregos.**

*

Mesmo os maridos estão sujeitos a perder o seu logar de honra, quando Mae Murray bate com os pés no chão, como se demonstrou com a tão commentada resignação de "Smiling Bob", anteriormente conhecido como Robert Z. Leonard, director.

Esfervilhou o soalheiro. Cruzaram-se os commentarios mais descabidos. De facto, a impressão desse desenlance desesperado tirava-nos o somno; Mae Murray parecia não ter nada a allegar contra Bob; por sua vez, elle não a accusava de nenhum desvio nos seus deveres conjugaes. A verdade era que o sorriso de Bob havia se tornado demasiadamente sardonico e mordaz e quando alguem procurando informar-se, perguntava se elle era o **snr. Murray,** elle gargalhava e respondia.

— Qual nada! Esse era o nome de minha **creada:**

E então, para mudar desdenhosamente de assumpto, Mae Murrav presenteou o diffamador com um "Principe Encantado" e repartiu o frontespicio com o princepe M'dvani. Impensadamente suppuzemos, **pelo** que sabiamos do seu temperamente, das suas opiniões, que Mae Murray saberia manter uma dignidade **real,** pondo desse modo um termo nos seus frenesis. Nós sempre prophetizámos, como aliaz todo mundo, que, mais cedo ou mais tarde, Mae Murray haveria de se enfastiar do seu princepe e attiral-o o mais breve possivel ao rol das bellas aventuras preteritas, da mesma forma que relegava para o passado as peças da sua endumentaria. Enganámo-nos redondamente. Ella conservou tanto os seus frenesis, quanto o seu principe.

*

Correu então a noticia de que Mae Murray se havia decidido abandonar a vida agitada dos **studios.** Encolhemos os hombros displicentemente, querendo significar que já o haviamos previsto, como se aquelle facto já fosse esperado, quando a verdade era justamente o contrario. E' assim que procedemos em Hollywood. Não toleramos, nem nos conformamos com as surpresas. Sentiamo-nos penalizados, tristes, mesmo assim contrafeitos, deveriamos simular uma refalsada alegria á sua partida, o que irremediavelmente nos vinha arrebatar uma insubstituivel fonte de alegria.

Nós estavamos, contudo, apressados em fazer aquella despedida para o mais rapido possivel nos desembaraçarmos daquelle abalo, porquanto nada mais tinhamos a fazer do que ver pelas costas aquelle que nos tinha arrebatado a princezinha Mae, arrebatando-nos todas as esperanças de ainda uma vez vermol-a em nosso meio. Nunca mais o "screen" teria a participação da nossa Murray!! !

Foi então que, sem nenhuma trovoada nem relampago, o céu se ensombrou, emfarruscou-se e a princezinha Murray foi arrebatada do seu firmamento constellado e fulgido para os intermudios ignorados das estrellas sem lume.

**NOVA PORQUE TOMOU JUIZO E TEM UM SOTAQUE FRANCEZ.**

Agora entretanto, se ella actualmente está esquecida ou não, é o que não podemos affirmar. Fizemol-o entretanto. Mae Murray partiu e ficou apparentemente esquecida. O nosso erro de appreciação a respeito de Mae Murray nos desnorteou, porque Mae é simplesmente uma mãe de familia. O seu contacto castigou-nos bastante. Voltou sorridente ao seu throno no frontespicio da historia do "Principe Encantado" mas desta vez não vinha só. O principe verdadeiro estava ao seu lado. Brincando, satisfeito e innocente, um garoto louro e bonito senta-se sobre os seus joelhos, e Mae Murray, toda cheia de sí, desse orgulho maternal que tranforma todas as mulheres, ostenta-o, que se quizesse dizer desvanecida a todo mundo que ella era a sua mãe.

Ficámos mudos, boquiabertos. Deixámos Mae Murray falar á vontade e ella não perdeu a opportunidade para dar ensanchas á sua tagarelice. Ainda atravez do radio e á luz das gambiarras a voz douro da estrellinha aurea desceu aos nossos ouvidos numa delicia. Os pezinhos ligeiros aguardavam agora os primeiros arrancos de uma orchestra e, ainda uma vez, um povo delirante á fascinação sideral e ao deslumbramento de uma estrellinha scintillante exhorbitou-se numa alegria barbara, desmedida. E tão magnificente foi a sua recepção que ella não poude recusar uma segunda volta . Nunca os camarotes de luo deram tanto resultado como desta vez de Mae Murray.

*

E ella explica com a doçura daquelle sotaque francez. Aquelle accentos esquesitos de "zats", "zis" e "zós" parecem parte integrante do seu ser. Não é que ella queira exhibil-os sempre e em toda parte. Ella está simplesmente ensaiando para um novo film. ou antes um **film antigo.** — um film que todos nós amamos — porque Mae Murray por si só basta para nos suscitar o amor. Chama-se **Peacock Alley** e nesta vez será animado por uma voz, a voz deliciosa, melodica e quente, a vozinha afrancezada da Nova Mae Murray.

— Estou de volta agora — diz ella — do logar de onde parti ha oito annos; vou reiniciar a minha antiga actividade cinematographica. Agora é que irei produzir fitas bôas e bellas. Irei fazel-as mais bellas do que ellas me fizeram.Farei fitas com mais enredo e menos Mae Murray."

Eis ahi a **nova Mae Murray.** E' o mesmo entezinho encantador, mais com algo de estranho, de inedito, de original que nos escapa á comprehenção. Não podiamos imaginal-a tão differente. "Estudando a natureza..." "contemplando os passaros..." "bebendo inspiração..." "namorando estrellas...". Que quer ella. dizer com isso? Que differença! Não sei o que pensam os outros, mas quanto ao que me toca, dei em mim proprio um beliscão maldoso e falei com os meus botões, parodiano o celebre versiculo biblico: "Mulher, tu és Mae Murray e á Mae Murray has de voltar"!

Se isso tem graça para os outros não me interessa. Eu achei, basta.

WILLIAM HAINES
M. G. M.

WILLIAM HAINES
M. G. M.
cinearte

mettendo Hurley e Madame Martin a uma delicada acareação...

Com a confissão de Madame Martin, que declarou ter Hurley commettido o crime na ancia de se apossar da fortuna de Mary Morgan que fatalmente, lhe viria ter ás mãos, como seu tutor que, fatalmente, viria a ser...

Mandado Hurley para a cadeia e mandada Madame Martin em paz — o detective sentiu que a terceira pessoa que ali estava — dali não podia sahir assim, como as outras. E num longo beijo dali sahiu com ella á procura do primeiro padre. Era — imaginem vocês!... Mary Morgan.

(De BARROS VIDAL, especial e exclusivo para CINEARTE)

O caso era complicadissimo. Para o detective Alexandre Kayton elle era dos mais tenebrosos que lhe tinha apparecido no longo e brilhante tirocinio. De facto o millionario Argyle apparecera morto naquella madrugada, no seu proprio gabinete de trabalho. Desde logo uma circumstancia de grande valor feriu a prespicacia do detective: é que o millionario, que desherdara o filho, o joven Bruce, deixando todos os seus bens para Mary Morgan, sua filha adoptiva, movido pelos seus sagrados sentimentos de pae — arrependera-se e ia, ao dia seguinte, modificar o testamento. O detective tirou, logo, uma illação logica: o crime fôra commettido por alguem que tinha interesse em que elle não modificasse o

# Um caso de AMOR

testamento. A idéa de que elle tivesse sido commettido por Mary Morgan foi posta de parte tão certo estava o dectetive de que o joven Argyle a amava e sonhava tornar-se seu marido. Assim, de qualquer modo, a fortuna do velho Argyle seria sua...

* * *

De pesquiza em pesquiza o detective Alexandre Kayton descobriu que a mãe de Mary Morgan vivia, ali naquella mesma cidade sem que, entretanto, Mary o soubesse. Ao detective não foi difficil comprehender que Mme. Martin como se chamava a mãe de Mary — se não tivesse perpetrado o assassinio, pelo menos, não lhe era indifferente.. E assim conseguiu, habilmente, approximar-se lhe certo de que ella lhe proporcionaria elementos para a elucidação de tudo. Ao detective não era extranho tambem — e isso desde as suas primeiras investigações — o modo especial como o advogado da familia Argyle, Hurley se "interessava" pelo caso... Mas simples desconfianças de nada lhe valiam; queria sim, provas, muitas provas e muitos elementos de convicção, sobretudo...

(THE ARGYLE CASE)

"FILM" DA WARNER BROS

| | |
|---|---|
| Alexandre Kayton | Thomas Meigham |
| Hurley | H. B. Warner |
| Mary Morgan | Lila Lee |
| Madame Martin | Gladys Brockwell |
| Bruce Argyle | John Darrow |

Engendrando uma muito habil fantazia, Kayton conseguiu hospedar Mary Morgan na casa de Madame Martin, depois de ter tomado a precaução de rodeal-a de recursos, não só espalhando nas suas dependencias microphones e apparelhos de radio por intermedio dos quaes ficaria ao par de tudo que ali se desenrollasse como tambem destacando auxiliares para se deterem ali por perto... Foi assim que com grande surpreza o detective ouviu a voz do advogado Hurley que, criminoso vulgar, ali, entre os bandidos que chefiava, dava o nome de Krysler.. Estava, assim, tudo esclarecido... Só lhe faltava saber se Hurley fôra mandante ou executante... Isso mesmo apurou ao dia seguinte, sub-

---

Já está em construcção o "Cinearte Studio" onde serão filmadas muitas das futuras producções brasileiras. "Saudade" da Benedetti Film será o primeiro film feito no Studio.

A primeira camera Mitchell na America do Sul, foi adquirida para o Cinearte Studio. E' a primeira camera do mundo da nova serie, typo silenciosa, propria para films falados. Agora já ninguem poderá allegar que não temos machina.

Gina Cavalliere já voltou de Buenos Aires onde esteve a passeio. Vae ser assim reiniciada a filmagem de "Religião do Amor".

A correspondencia de artistas do Cinema Brasileiro controllada por "Cinearte" no anno passado, subiu a cerca de vinte e oito mil e quinhentas cartas. Vieram muitas do estrangeiro, principalmente de Portugal e Espanha. Tambem existiam algumas da França, Allemanha, e varias dos Estados Unidos, inclusive de Hollywood.

Tamar Moema, é das artistas brasileiras a que menos apparece em publico. Educada num collegio de religiosas, ella se habituou de tal forma a reclusão, que só sae de casa para assistir a missa ou para ir raramente ao Cinema.

Paulo Morano é o artista que mais faz questão de responder pessoalmente as cartas de "fans". Principalmente quando são de mãos femininas.

# LOUCOS

*SIM, NÓS TODOS SOMOS LOUCOS POR GRETA GARBO...*

Hollywood põe as suas mãos onde devia pôr o seu coração e jura que o seu firmamento está cheio de astros cinematographicos.

As taboletas põem-se a berrar, os agentes de publicidade rufam os tambores e as lampadas electricas fazem fulgir á noite nomes de estrellas.

Mas eu estou nas trincheiras e pisco maliciosamente os olhos. Sei a coisa como ella é. Sei que são bem poucos os astros de primeira grandeza do céo cinematographico e que no bando luminoso ha uma que realmente se sobreleva a todas — Greta Garbo, o presente que a Scandinavia fez ao mundo. Exploradores, scientistas e praticantes de outras de outras artes não passam de figuras opacas deante dessa extraordinaria mulher de rosto pallido e cabellos de ouro.

Não falta quem affirme que o systema estellar se acha no leito de agonia, nos ultimos estertores.

Em cada caso, é uma generalização que não accarreta responsabilidade dizer-se que os melhores, os mais bem montados films falados que até hoje se têm offerecido ao publico são o producto daquillo a que costumamos chamar "elenco todo de estrellas", ou *troupes* absolutamente sem estrellas. Em outras palavras, quer isso dizer que os films têm mais importancia que as estrellas.

Mas aconteceu uma coisa engraçada em Los Angeles: Em pleno meio do mundo effervescente pela loucura do Cinema falado, ensinuou-se no "screen" um film silencioso dos velhos tempos.

Quando se desvaneceu a fumaça e se apuraram as contas, verificou-se que o tal film havia batido todos os records attingidos naquelle Cinema, quer do genero falado quer mudo.

E precisarei dizer que a estrella dessa opera sem voz era Greta Garbo, a sensação de Stockholmo?

Na verdade, innumeras são as chamadas estrellas que brilham a sua horazinha, mas só existe uma rainha, distante e magestosa no tôpo solitario da montanha. E' a bella Garbo, a mulher que faz os burguezes americanos, honestos chefes de familia desviar culpadamente os olhos das suas esposas fieis.

E isso não era costume.

Nos velhos e bons tempos as estrellas eram uma especie de flamula de guerra para os seus maniacos admiradores. Insinuar que Mary Pickford não era uma perfeição, seria fazer jus a uma tapona de um desses exaltados. Quem suggerisse que Fairbanks não era um brilhante sem jaça, expunha-se a ter os queixaes deslocados com um murro. As Gishes, Pearl White, Jack Kerrigan, Wally Reid, Valentino eram outros tantos idolos para os seus bandos de devotos, que enchiam os ares de clamores berrando os meritos dos seus favoritos.

Já lá se vão longe esses tempos. Encerraram-se com a era da derrocada que feriu o Cinema ao mesmo tempo que as outras artes.

Mary Pickford viu-se durante alguns annos sob o fogo, sob a allegação de varios desgarres profissionaes, e nem por isso nenhum critico foi enforcado. "Fans" e criticos levaram muito tempo a annunciar o fim do seu reinado, e ainda hoje ella continúa desthronada em varias partes, menos, é claro, no seu castello de Picfair que seu marido fez construir para ella.

Antigamente Mary era o idolo adorado de milhões de creaturas — hoje é cortejada pela nobreza que visita Hollywood com o fim de ver os animaes da "menagerie" cinematica.

Fairbanks não é um caso melhor do que Mary, como tambem não o são Clara Bow, Joan Crawford, Dick Barthelmess, Billie Dove, Jack Gilbert ou outro qualquer das estrellas da nova safra.

Falam elles e aos seus ouvidos chegam os rumores da critica epistolar — não de inimigos, mas do proprio bando dos seus "fans".

Os modernos reis e rainhas podem ter defeitos á vontade. Os seus thronos são construidos de geléa; um passo em falso e a coisa degringola.

Todas, menos Garbo! Essa estraordinaria mulher do longinquo norte, parece não claudicar nunca, por mais aspero que seja o terreno. Ella seria capaz de percorrer toda a Hollywood montada

# POR GRETA GARBO!

numa hyena carregando um perú rechelado e tudo estaria muito bem para os maniacos de Garbo. Greta passa indemne com idiosyncrasias pessoaes que fariam tremer de horror os "fans" de outras estrellas. Mas trata-se de Garbo e *is all right*. Garbo não póde errar, é perfeita. Todos são loucos por Greta Garbo!

A esse respeito a sua situação é unica.

E, coisa curiosa, quanto mais os jornalistas e criticos dizem a verdade sobre Greta, mais asperamente são elles atacados pelos seus "fans" e mais vigorosamente cerram estes fileira em torno do seu estandarte, para combater e morrer por Deus, pela Suecia e por Garbo.

Não ha muito tempo a jornalista Lois Shirley escreveu um artigo despretencioso e amavel, na "Photoplay" a respeito de Garbo e da sua double, uma tal Miss De Vonak. O artigo de Lois era o que se póde chamar de amistoso em extremo. Ella se limitava simplesmente a assignalar aquillo que todo mundo sabe, isto é que essa estrella era uma creatura retrahida, distante, pouco sociavel e que não se vestia na moda, sem, entretanto, dar sentido pejorativo a taes observações. Isso não impediu que "Photoplay" se visse submergida por uma avalanche de cartas furiosas, em que a autora do artigo, a redacção inteira, o magazine e o resto eram condemnados á pena capital.

Um dos correspondentes dizia:

"Eu aprecio Greta Garbo por causa da sua simplicidade e da sua maneira de ser á velha moda... Preserve no seu bom trabalho, Miss Garbo. Prosiga na sua vida de simplicidade, e lembre-se... de que haverá sempre um critico".

Quem escrevia isso era um homem. Ouçamos agora uma mulher:

"Si Greta é feia, indifferente e mysteriosa, é isso um traço muito seu... Gosto de sabel-a assim mysteriosa. O publico gosta de Greta Garbo com todos os seus defeitos — e não ha quem possa substituil-a".

De um gentleman de Berkeley, California:

"Censuraste Greta Garbo certamente porque ella não cura de vestir-se luxuosamente com o intuito de exhibir-se como fazem todas as demais estrellas. Garbo tem bastante espirito para não proceder assim. Ella é um genio e não precisa de vestidos para chamar a attenção sobre si... Como não se sentiria feliz sua mãe si soubesse quão digna é a conducta da sua filha aqui. Eu só desejaria saber si ha muita moça em Hollywood de vida privada tão respeitavel como a gran Greta Garbo!"

De uma Miss de Louisville, em Kentuky:

"Lois Skerley leva a palma no vasto imperio da estupidez. Eu nunca tivera uma favorita antes de ver Greta Garbo. Essa artista é o meu ideal — é maravilhosa. O que mais incommoda os taes jornalistas é o facto de Greta Garbo só cuidar da sua vida e não deixar que ninguem se metta nos seus negocios. A minha opinião é que Jack Gilbert casou-se com Ina Claire porque não conseguiu apanhar Greta Garbo — sem que com isso eu pretenda menoscabar Miss Claire. Tres vivas a Greta Garbo!"

E, mais surprehendente de todas as missivas, esta da esposa de um droguista de Kansas City:

"Creio que todos nós creaturas humanas sonhamos uma tolice que nunca se realizará. A minha é apertar a mão de Greta Garbo, a Grande. Não temos nós por ventura varias Claras, varias Crawfords e Pages? Mas Deus só ha um — como só ha uma Garbo!"

Como amostra parece que basta. Essas cartas como uma centena de outras, não continham sinão aquellas coisas que já foram impressas innumeras vezes sobre a sereia de Stockholmo.

E quanto á propria Garbo?

Ninguem se preoccupa. Ella póde vestir-se como lhe agradar. Si lhe der na fantasia de pôr um "tailleur" para uma "soirée", para nós é o mesmo. Na maior scena que ella jamais interpretou — aquella sequencia de renuncia em "Mulher de Brio" ella se apresentava num velho costume de lã escorrido e com um chapéo de feltro amassado, e nunca ella se mostrou mais enigmatica, mais seductora nem revelou maiores qualidades de artista e força arrogante na téla. E' provavel que em toda a historia do mundo jamais artista algum ascendeu tão alto nas regiões da celebridade, mostrando como ella tanto desprezo por aquillo que os outros pensem ou digam a seu respeito.

Foi esta a conclusão a que me levou uma accurada indagação em torno della.

O seu trabalho, a sua criada, as suas sandalias, as suas janellas que se abrem para o mar — eis o que lhe importa. Garbo é a unica grande rainha da téla que não só jamais cortejou o favor do publico como resistiu de facto e todas as investidas feitas para içal-a ao tumulo da reclame".

Emquanto outros tudo fazem para se imporem á notoriedade, ella procura um buraco e fecha a entrada atraz de si. Si assim procede por artificio ou por natureza é que pouco importa — registre-se o facto como uma perfeição.

Diga-se mais, que Garbo é a grande estrella que conquistou um formidavel poder e o interesse do publico sem nenhuma dessas amaveis caracteristicas da téla. Longe de se revelar de qualquer maneira emocionantemente seductora, ella é cinematicamente indifferente, feia e arrogante. Tenho mesmo observado algumas das suas magnificas scenas que dir-se-iam quasi offensivas para os actores seus comparsas como para o seu numeroso publico.

Mas como se trata de Garbo, nós acceitamos a coisa sem pestanejar e ainda ficamos satisfeitos.

Ao tremendo enthusiasmo que Garbo e o seu trabalho despertam entre os homens, deve-se acrescentar que ella conta entre as mulheres um numero de idolatras que jamais alcançou qualquer astro masculino da téla. As mulheres enxameiam em torno dos seus films, para contemplal-a, admiral-a e copial-a. Em cada aldeizinha dos Estados Unidos ha uma serie de Garbos em gestação. Para cada menina que representa de Velez, ha uma duzia que empôa o rosto e semi-serra as palpebras para contemplar com fastio o mundo insipido.

E eu mesmo, velho e callejado nos assumptos cinematicos, corro aos seus films logo que elles apparecem e é sempre com a mesma admiração que contemplo essa figura a se mover na téla.

Porque Garbo, com aquella sua estranha maneira, é sem duvida um genio — um dos tres ou quatro genios que sobrevivem na téla americana. Ella conquista os espiritos tanto pelo que deixa de fazer quanto pelo que faz, e a sua original belleza possue esse dom magico e indefinivel que fascina o espectador e desperta sonhos naquelles que nunca sonharam.

Eu conheço uma moça que é uma newyorkina serena e fria de espirito, um tanto "blasée" mesmo. Não se deixa impressionar nem solta exclamações facilmente. Garbo, entretanto, extasiou-a. Arrastou-me duas vezes a ver com ella "Mulher de Brio", e ainda agora a vive a procurar cinemazinhos da sua vizinhança onde appareça esse film.

Em Hollywood apoderou-se della uma verdadeira obsessão de Garbo. A Metro-Goldwyn poz a seu serviço um infatigavel automovel, e sempre que ella era informada de uma locação da artista sueca partia atraz della. E o dia em que ella conseguiu penetrar no "set" de Garbo, em Culver City ficou assignalado na sua vida com uma pedra branca.

(*Termina no fim do numero*)

*GRETA GARBO NUMA SCENA DE "ANNA CHRISTIE*

Norma Forbes estava farta de ser pobre. Filha de um velho alcoolico que mantinha uma barraca de tiros ao alvo, nos fundos da qual moravam, a pobre moça estava empregada como secretaria da firma Childers & Strong. Childers, individuo ambicioso e sem escrupulos, andava um tanto encantado com a sua adoravel dactylographa. Não menos sensivel aos seus encantos femininos era o mysterioso Michael Bream, appellidado "o homem dos diamantes" pela fortuna que fizéra com a descoberta de uma mina de diamantes na Africa. Michael, perseverante e distincto, convidava sempre, com igual insistencia e insuccesso, a deliciosa mocinha para jantar com elle em algum restaurant.

Mas Norma considerava-se noiva de Childers e não podia aceitar convites de ninguem. Os negocios deste ultimo com Bream seguiam bem. Os diamantes eram regiamente vendidos. Apenas Michael exigia completo sigillo sobre a situação da sua mina na Africa. Nem o proprio Childers deveria saber onde se encontrava. E foi por isso, desejoso de saber a situação exacta daquella fonte inexgottavel de riquezas, da qual esperava, tambem, participar, que Childers aconselhou a Norma que aceitasse o jantar para o qual Bream a convidára. A surpresa da moça foi immensa. Então elle, Childers, era quem a aconselhava áquelle arriscado passo? Pois não era ella sua noiva? Como poderia elle usar da mulher querida para um fim tão ganancioso e pouco sério? Mas Childers soltou uma gargalhada. Deixasse de sentimentalismos. A época não era para essas coisas! Além de tudo, elle não era um homem feito para o casamento... A decepção da pobre dactylographa traduzia-se no seu semblante empallidecido.

(MIDNIGHT MADNESS)

| | |
|---|---|
| Norma Forbes | *Jacqueline Logan* |
| Michael Bream | *Clive Brook* |
| Childers | *Walter Mc Grail* |
| John Forbes | *James Bradbury Junior* |
| Manubo | *Oscar Smith* |
| A "Gargoyle" | *Virginia Sale* |
| Harris | *Frank Hagney* |
| Robert Strong | *Emmett King* |
| Masher | *Louis Natheaux* |
| Um marinheiro | *Clarence Burton* |

(*L. L. CARLOS, fez esta discripção especialmente para "CINERTE"*)

— Está bem, Childers, agora vejo quem és e o que queres de mim... Mas não contes mais commigo. Deixo immediatamente o escriptorio.

E, appressada e sentida, retirou-se. Ao chegar á triste e miseravel mansarda em que habitava, Norma sentiu-se morrer. Aquillo não era logar em que se pudesse morar!! Aquella immundicie, aquelles ratos a correr pelo sólo enxovalhado... E o velho pae indifferente, estirado a dormir pesadamente o seu somno bruto de alcoolico inveterado... Uma revolta sacudiu-lhe os hombros frageis. Ella não fôra feita para aquillo! Mil sonhos lhe povoavam a cabecinha aristocratica... Queria ser rica, ter dinheiro, aceio, ordem, limpeza, coisa a que não poderia aspirar naquelle ambiente degradante. E, subitamente, energica, ligou o telephone para Childers. Estava concluido o pacto. Jantaria, no dia seguinte, com Michael!

Depois do jantar, elle a levou ao theatro e, depois, a um dancing. Ahi, á meia-noite, em surdina, elle lhe disse a sua grande ambição: quando partisse, no dia seguinte, para a sua mina na Africa, ella iria com elle, como sua esposa...

Norma não hesitou. Ora! o que ella queria era dinheiro e elle o tinha em grande escala. Quanto á sinceridade, os homens não podem exigir das mulheres que ellas tenham o que elles não possuem... E, no dia seguinte, ella se apresentou, radiante, no escriptorio de Childers. Estava noiva e seria millionaria! Ia partir para a Africa, naquella tarde, depois da cerimonia nupcial. Childers ainda murmurou: — Mas você gosta é de mim...

— Ora! eu não gosto de ninguem... Caso-me com elle apenas por interesse e visando a sua fortuna. Serei uma mulher millionaria. Não é todos os dias que se apresentam partidos ricos como este a uma rapariga pobre como eu... Vas ver como saberei gastar o dinheiro delle! Agora só viajo de primeira...

A imprudente ambiciosa não suspeitava porém, que, da sala de espera, contigua, o seu riquissimo noivo, emquanto esperava uma entrevista com Childers, acabára de ouvir todas aquellas desesperadoras palavras, tendo-se retirado, porém, a tempo de não ser visto. Ao chegar á casa, chamando o seu empregado de confiança, o millionario ordenou-lhe: — Prepare tudo da maneira mais simples possivel. Troque a cabine de primeira classe para uma de segunda. E chegando á Africa, vá, com toda a creadagem, para o meu palacete afastado da mina, preparando, porém, uma choupana bem modesta e suja, para onde irei.

As ordens do seu amo eram exoticas, incomprehensiveis, mas o creado obedeceu. Ao embarcar, Norma teve a desagradavel surpresa de se ver installada com seu marido em um camarote de segunda classe. Interpellou-o sobre aquillo. Elle era um sovina muito grande! Com tanto dinheiro, fazer a sua viagem de nupcias numa cabine de segunda classe! Ahi, en-

NORMA E MICHAEL...

tão, Michael, soltou uma gargalhada gostosa:

— Eu, com tanto dinheiro! Mas eu não tenho nada! Tenho apenas probabilidades de enriquecer... Sou um homem pobre e conto comtigo para trabalhar commigo.

Raivosa, desesperada, Norma quiz ainda desembarcar, mas o navio já estava ao largo e apenas se via, de longe, a lista polychromica das pessoas agrupadas no cáes, a dizer adeus. Então Norma se voltou contra o marido: era um impostor, um mentiroso! E, immediatamente, uma linha equatorial imaginaria foi estabelecida na cabine, separando os dois esposos. Ao chegar ao longinquo rincão onde estava situada a preciosa mina, Norma teve ainda a surpresa de encontrar uma pequena casa suja e abandonada á sua espera. E o marido a lhe declarar que ella limpasse tudo, puzesse tudo em ordem... Com esta ella não contava e o odio que ella sentia por elle, cresceu. Mas havia muitos leões pela redondeza, que cercavam a casa, estremecendo-a com os seus urros tragicos e sinistros... Elle era o unico arrimo naquella solidão, a unica presença humana com que ella podia contar... E, por isso mesmo, o detestava ainda mais...

Depois de algum tempo de uma vida de trabalhos e lutas, Norma telegraphou da povoação mais proxima, a Childers, em Nova York. Seu marido era um avarento, viesse buscal-a. E ia, tambem, bem explicada, a situação geographica da mina.

E, num dia, em que o marido, cada vez mais perseverante e apaixonado, tentava tomal-a nos braços e vencer a sua teimosa resistencia, o holophote de um automovel veio banhar, inopinadamente, a entrada da humilde cabana. Michael teve a surpresa de ver entrar, pela porta a dentro, Childers acompanhado do seu capataz. Norma exultava, satisfeita, vingada. Childers, exhibindo o telegramma comprometedor, declarava vir buscar Norma, conforme esta lh'o pedira.

— A proposito, Bream, acabo de descobrir, bem ao lado da tua, uma outra mina de diamantes...

Mas Michael encolheu os hombros. Sua mulher é que elle não levaria! Pertencia-lhe e elle não era homem que deixasse roubar o que era seu! Nervosa, Norma supplicava a Childers que a levasse. Mas seu antigo noivo, com um gesto de indifferença, foi logo declarando:

— Lavo dahi as minhas mãos... Não quero assumir novas responsabilidades...

Então Norma appelou para o capataz, individuo de aspecto perigoso e desordeiro, que a cobiçava com uns olhos chammejantes. O homem promptificou-se a leval-a... A humilhação para o pobre marido era tremenda. Sua mão, energica, se abateu sobre uma garrucha que se achava sobre a mesa. Mas os dois inimigos saltaram-lhe em cima. Na luta, Norma foi atirada, violentamente ao chão. Ao reerguer a cabeça, attonita, encontrou ella seu marido amarrado a uma cadeira, a fronte fendida, com uma brécha de onde se escapava um grosso fio de sangue. Seu primeiro impulso foi soccorrel-o. Mas... é verdade! Ia-se esquecendo de que o odiava!...

(*Termina no fim do numero*)

# DOS DIAMANTES

# A primeira vez que

Clara Bow tinha 17 annos. Não havia nunca embarcado num trem! Entrou no carro como se pisasse em um mundo novo. Deante della estendia-se o desconhecido. Levava no bolso um contracto de Cinema. O seu futuro estava na balança, entretranto ella não denotava a menor duvida ou apprehensão. Clara emprehendia o assalto á nova vida com uma miseravel valise de *papier màché*, contendo uma muda de roupa branca, de uma côr esquisita e enfeitada de renda barata, um par de meias e um sweater grosseiro. Era tudo quanto possuia.

Assim era aos 17 annos essa Clara, que hoje, decorridos seis annos é uma das mais afamadas mulheres do mundo.

Algumas semanas antes, Clara se fizera annunciar no meu escriptorio. Eu era nessa occasião agente de historias de films, mas, occasionalmente, me occupava de pessoas. Sentou-se na ante-sala do meu gabinete e esperou, até que eu, para me ver livre da importuna, mandei-a entrar. Ella me contou a sua historia em meia duzia de palavras "staecate".

Dois annos antes fôra victoriosa num concurso de belleza e havia feito um papel no film de producção independente de Elmer Clifton, "Down to the Sea in Ships". Quando sua mãe morreu, nas ansias da agonia, conhecendo o temperamento impetuoso da filha, fel-a prometter que nunca adoptaria a carreira do Cinema.

Superticiosa, como todas as almas primitivas, Clara levou dois annos presa ao seu juramento. Vencera finalmente o sagrado temor e ali estava agora na minha presença a procurar um "job".

Clara era a esse tempo um joven animal bravio e fogoso, reagindo aos factos de frente e segundo a natureza. Entretanto, mesmo sob aquella saizinha amarrotada, eu senti que havia qualquer coisa, como força vital, e impetuosa emotividade.

Falei a seu respeito ao J. G. Bachman, socio de B. P. Gehulberg. Elle não se mostrava interessado por temperamentos emotivos, mas depois de haver Clara trabalhado nuns poucos films (aliás com a bisonhice de uma amadora) elle consentiu em acceital-a. Escrevi então a Schulberg e arranjei um contracto. Com o contracto, coube-me o compromisso de acompanhal-a á California. E acho que não teria feito peor negocio si me encarregasse de pagear uma manada de elephantes brancos.

Clara e seu pae vieram encontrar-me na Grand Central Station.

Nas costas do seu primeiro contracto ainda hoje se encontram as instrucções escriptas pela mão de Robert Bow: "Grand Central Station, guichet de informações, 5,30 da tarde", com pouca grammatica.

Clara partiu para um mundo inteiramente novo, e, no emtanto, encarava a coisa como o teria feito um selvagem — sem temor, com a ingenuidade de um espirito primitivo.

Não tinha a menor noção do que aquella viagem poderia significar para ella.

A despedida entre pae e filha foi particularmente destituida de qualquer sentimento. Elles se estimavam de estranha maneira — elle tinha sido pae e mãe ao mesmo de Clara — entretanto não houve entre ambos a menor manifestação de ternura.

Eu esperava que Robert Bow me dissesse, por exemplo: "Confio-lhe minha filha, e estou certo de que olhareis por ella como a sua propria mãe". Mas o homem não disse nada; nem uma palavra. Nem elle nem Clara (completamente ignorantes do mundo de encantos que isso exprime) sabiam que essas palavras eram esperadas.

Egualmente ella não se mostrou sobremodo interessada pela novidade do trem; era muito selvagem para tanto. Ella ali estava, estava a caminho da mysteriosa California, ia ser artista de Cinema! Era o quanto bastava. A coisa era simples.

Além da sua saccola de estudante carinhosamente arrumada por seu pae, os seus outros unicos bens materiaes eram um phonographozinho portatil empoeirado e um disco, "A parada dos soldadinhos de pau". O trem ainda não havia transposto os limites da cidade e já o phonographo estava funccionando. Os meus esforços para suspender com a musica ou fechar a porta do nosso compartimento foram inuteis.

Expliquei-lhe que aquillo podia encommodar os outros passageiros, e Clara admirou-se: "Oh! deixe que ellas apreciem tambem a musica!" foi a sua resposta.

E não houve para os passageiros outra alternativa sinão gosar a musica, de New-York a Los Angeles, literalmente.

A machina apanhou tanto pó que é de admirar como funccionava. E pode-se dizer que o phonographo não esteve parado mais de cinco minutos durante toda a viagem.

Lá pelas alturas das duzentas milhas de marça, já Clara conhecia todo mundo no trem.

Conductores, guardas, millionarios, creanças — era tudo igual para Clara. Não houve uma só cabine por assim dizer que não recebesse a sua visita.

Verifiquei, então, que eu não tinha errado lutando para obter um contracto para ella.

Os homens, moços e velhos, casados e solteiros, folgazões e graves, todos quantos ali viajavam foram tocados do estranho magnetismo da rapariga.

Um celebre jogador de tennis ficou enfeitiçado, e mesmo acontecendo com um joven, filho de um millionario de Passadena, que nos levou um dia a almoçar com elle. Quando elle desembarcou na estação do seu destino, o rapaz apertou-lhe demoradamente a mão e ficou com os olhos embebidos nella até ser arrastado por sua familia. Dez minutos depois, Clara já não se lembrava delle. Não sei si elle se recorda hoje della, quando vê a grande estrella na téla.

Nós eramos sem duvida o divertimento dos outros passageiros. A ida de Clara até o vagão restaurante foi que nunca me hei de esquecer. Ella sabia lêr, mas o menu era grego para ella. Mas o problema foi resol-

# Clara Bow andou de TREM

vido de maneira muito simples: Clara pediu o que desejava comer. E a sua fome, uma fome pavorosa, era de eguarias esquisitas e variadas.

Tinha muito pão com manteiga em sua vida, e agora que se lhe offerecia a opportunidade, ella não queria sinão *paté de foie yras* e caviar.

A mesma não era bastante grande para comportar tudo quanto ella pedia — varias entradas, tres saladas e quatro ou cinco sobremesas.

Foi preciso armar uma mesa ao lado. Mostrei-lhe um garfo de salada e ensinei-lhe como usal-o. Ella nunca vira semelhante instrumento e olhou-o com desprezo, dando de hombros.

"Isso é uma bobagem, observou ella. P'ra que sujar outro garfo, quando com um só comerei tudo?".

Elle lhe havia comprado uns poucos vestidos modestos em New York. Eram de côres vivas e lhe iam deliciosamente. No espaço apenas de um dia ella os reduziu a molambos, sendo obrigada a voltar ao sweater e á saia.

A grandeza da paisagem do Oeste absolutamente não lhe interessava. A "Parede of the Wooden Saldiers" do phonographo divertia-a muito mais, e, embora nunca tivesse visto nem ouvido falar do "Chauve Souris" ou de qualquer dos seus imitadores, Clara inventou uma pequena dansa perfeitamente de accordo com o espirito da musica. Senti, deante disso, que tinha aos meus cuidados um talento raro e cheio de vida.

Ella acceitava tudo como vinha, só casualmente ella se deixava tomar de curiosidade. Uma vez ella me perguntou: "Maxime, onde é que o conductor dorme?

"Quem é, Clara? perguntei".

"Refiro-me ao camarada que conduz o trem. Ha quatro dias que sahimos de New York, e até agora elle não parou o damnado desse trem o tempo sufficiente para cortar uma lasca de fumo".

Completamente alheia ás maneiras formalisticas que todos nós observamos sem qualquer trabalho mental, Clara mostrava-se tão elementar como uma indigena da Palynesia, a reincarnação talvez de uma filha dessas velhas raças primitivas.

Um dia ella se metteu na minha casaca, sem me pedir permissão. Quando a interpellei, em vez de se desculpar, dizendo-me, por exemplo, que tinha achado a vestimenta interessante e que receiara não obter a minha permissão, ella, com a simplicidade e a naturalidade de uma creança, respondeu: "Ora, a casaca estava ali, teve vontade de experimental-a e vesti. Prompto!"

Eu tinha os nervos um pouco lassos quando nos approximamos de Los Angeles, mas não me sentia aborrecido. Quando entramos na estação olhei atravez da janella do carro, e vi á nossa espera o pessoal da publicidade, cinematographistas, directores executivos e artistas da empreza Schulburg.

Ella trazia o mesmo swéater. A saia primitivamente "plissée" não conservava mais uma só prega.

Os seus cabellos estavam no maior desalinho.

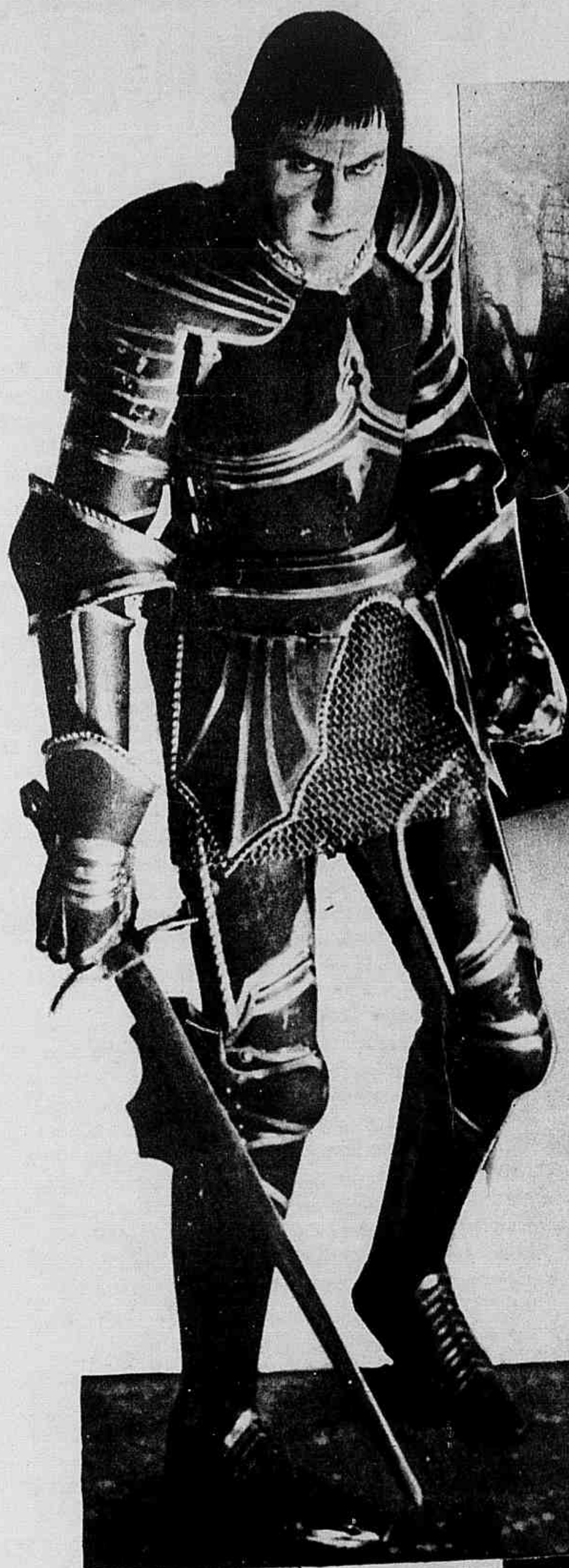
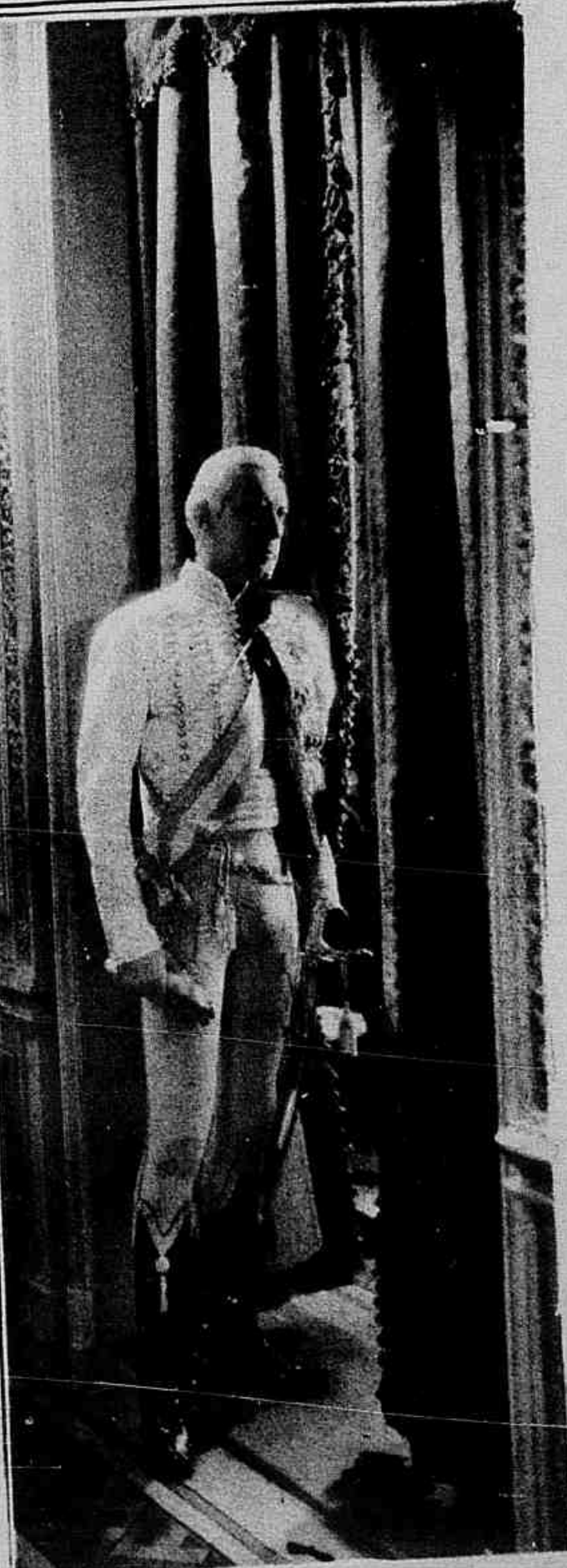
Comprehendi que ella não devia enfrentar aquella gente. Semelhante entrada poderia ser a ruina da sua carreira. Era preciso aplainar as arestas grosseiras antes de apresental-a ao publico.

Peitando o guarda, consegui pormo-nos ao fresco por outra porta e saltamos para um taxi que nos levou aos nossos aposentos no Ambossador.

(*Termina no fim do numero*)

# JOAN CRAWFORD!!

GAROTA MODERNA...

MRS. FAIRBANKS JR...

JOHN BARRYMORE EM "GENERAL CRACK"

A PEQUENA AO LADO E' MARION NIXON.

# O Homem Ideal de

Alice White estava me amostrando algumas de suas novas photographias. Eram artisticas reproducções da beldade indescriptivel daquella Alice encantadora que todos nós conhecemos e amámos com abundancia de ternura.

Já lá se lhe fôra a enleiante petulancia daquelles olhos castanhos de outr'ora e em seu logar exhibia-se então a ternura columbina e sonhadora de uma Lilian Gish.

A bocca, aquella boquinha sensual que conhecemos, parecia prestes a entreabrir na modulação gorgeante de uma cantarola infantil.

Observei-a longamente e inquiri-lhe os motivos daquella mudança.

Alice ouviu-me, suspirou enternecida e, com uma voz estranha, uma voz retransida de mysterio:

— Talvez... talvez seja porque eu estou amando...

— Que? — gritei de um sobresalto — Ainda ou outra vez?

— Não sei — disse Alice com uma voz repassada de doçura, num arrulho. — Qual foi a ultima vez que nos encontramos?

— Oh!... Ha cerca de tres annos.

— Então é *ainda*.

— Tem certeza de que *elle* é o seu ideal? — não pude deixar de perguntar.

— Vem a proposito a sua pergunta! — e depois de um pequeno silencio, olhos scintillantes, meditativos:

— Não. Nem eu mesma sei.

Mudei de tactica ao perceber que iria ter revellações interessantes de Alice.

* * *

Languida, sonhadora, olhos vagos, Alice espreguiçou-se estirando-se ao comprido no sofá, depois, enroscando-se encantadoramente com aquella flexibilidade felina toda sua:

— Muito bem! Eis o caso: Elle é na realidade o meu ideal, tanto quanto possa ser um homem; está longe entretanto de ser o *Principe Encantado* dos meus devaneios infantis, aquelle principe mysterioso que a inocente Alice White de outros tempos costumava idealizar nas suas longas horas de sonho, guapo, heroico, formoso, cavalgando um ginete branco como a neve, ardego, sobre as nuvens, arrebatando-a num turbilhão de sensações inefaveis para o Paiz das Fadas, impertigado sob a armadura de um cavalheiro medieval.

Agora, se o meu adorado tivesse o cabello negro, ondeante e revolto de John Gilbert, os olhos azues e ternos de George Bancroft, — olhar scintillante e jovial num minuto e dengue e ardente noutro. — Se elle tivesse o nariz burilado e perfeito de Ramon Novarro, o sorriso largo, desvendado duas filleiras de dentes alvos, de Charles Delaney, um queixo com uma covinha, como o de Bryant Washburn, — elle poderia ser bronco, mas nunca pude resistir a um queixinho encovado. Você conhece o ditado "A dimple in the chin, a devil within" e eu me compenetrei de que nenhum homem com uma covinha no queixo é falho de senso humoristico... Se *elle* tivesse a estatura, o busto amplo, os hombros largos que são os caracteristicos de Buddy Rogers, a bonhomia de William Haines e a alegria de George Bancroft — seria então o ideal, *o idolo vivo das minhas ansias.*

*O nariz de Ramon Novarro*

Desejal-o-ia bastante joven para gozar o mundo, mas tambem com idade sufficiente para encarar a vida com a gravidade e sisudez a que ella faz jus. Quero-o terno e sympathico em todas as circumstancias da vida. Se uma dôr numa unha me torturasse, desejal-o-ia solicito, comprehendendo-me, desfazendo-se em ternuras mil, mas se algum obstaculo realmente importante se erguesse na minha frente, quizera-o forte, masculo e dominador da situação. Gostaria então de ouvil-o dizer, como um veridico homem-modelo "Ora, deixa isso commigo".

* * *

**Gostaria de ser por elle ninada, acariciada** como uma creança, mas por meu turno gostaria tambem de ninal-o, de acarinhal-o redundante de ternura. Você me comprehende, Harmony, eu anseio um mixto de homem e garoto, e isso, meu amigo, só numa ampliada reproducção de George Bancroft. Deveria o meu *homem ideal* possuir espirito brincalhão e jovial de Billy Haines. Eu jamais supportaria um homem que não correspondesse com uma gargalhada gostosa a uma pilheria mesmo atirada contra si proprio.

*O busto de Charles Rogers...*

*O sorriso e os dentes de Charles Delaney...*

*Um queixo com uma covinha como o de Bryant Washburn.*

Os melhores gracejos, quasi sempre são aquelles que nos attingem e, se não podemos sorrir, é porque para quasi nada somos suceptiveis de um salutar sorriso. Não me preoccupo absolutamente com a vocação do meu *homem ideal*, seja ella qual fôr. Nem nunca me preoccupei, mas, qualquer

que fosse, eu deveria ser nella incluida, como uma parte integrante, imprescindivel. Não quero dizer com isso que eu queria collaborar no seu trabalho. Não. Mas todas as manhãs, antes de accender o fogo, eu gostaria de ouvil-o dissertar sobre os seus negocios, seus planos, suas realizações e desejos, de maneira que eu pudesse intoirar-me e participar de todas as suas preoccupações e labutas durante as suas longas horas de ausencia

• • •

Não gostaria, sem duvida, de gastar todas as longas horas de intimidade, conjugal á noite, a discutirmos negocios. Desejaria poder sahir de vez em quando e divertir-me com outras pessoas, para destruir um provavel tédio, oriundo da monotonia de viver.

Por sua vez elle fizesse o mesmo.

Elle deveria saber jogar baralho e dansar. Não obstante a minha reputação em contrario, eu nunca fui um *girl* espalhafatoso. Actualmente poucas vezes saio de casa, mas quando saio, procuro sempre pessôas que não me desejam ver pelas costas, ou me façam perturbar a tranquillidade e roubem o somno.

# Alice White

Não me ennamoro muito das compleixões athleticas, desse modo o meu *homem ideal* não deveria ter esse typo. Elle deveria gostar do *foot-ball*, porque eu gosto e eu o desejaria enthusiasta desse *sport* como eu o sou. E, creia ou não, elle deveria ser sensual e até namorador. A bôa apparencia por si só não me basta. Eu não me poderia afeiçoar inteiramente a nenhum homem por bello que fosse, mas sem virilidade, frio, indifferente, e o que eu justamente idealizo é um homem que me suscite ciume, o sal do amor.

Desejaria compenetrar-me de que, se eu não lhe fosse meiga e encantadora, outra sufficientemente captivante, facilmente m'o arrebataria e gostaria de provocar nelle as mesmas preoccupações a meu respeito.

Saiba, além disso, que, idealizando o homem perfeito, sonho tambem com o amor ideal.

A maioria dos maridos esquecem do amor e tornam-se frios depois do matrimonio; a esposa, entretanto, sente uma grande falta desse conforto affecivo e começa a procurar o amor ou qualquer demonstração delle, em quasi tudo. Não me seria sufficiente o amor do meu homem ideal; elle teria que me falar sempre de amor, e da maioria dos seus actos deveria transparecer a sua realidade irrefragavel, e não guardal-o, como o fazem alguns maridos, como um artigo de luxo, um assumpto privilegiado.

O meu *homem ideal* não deveria ser tão opulento a ponto de não precisar trabalhar de algum modo. Eu jamais toleraria um um desoccupado, porquanto elle jamais poderia me comprehender, a mim e as minhas occupações. — E, se o seu Romeu possuisse todos esses requesito, casar-se-ia com elle? — perguntei-lhe.

— Sem duvida. Onde tem estado você durante todo esse tempo em que estou falando? Não observou a maneira por que eu pronuncio a palavra *marido*? Eu sempre visionei o *homem dos meus devaneios* como um marido — o meu marido! Que acha? Do contrario não teria graça...

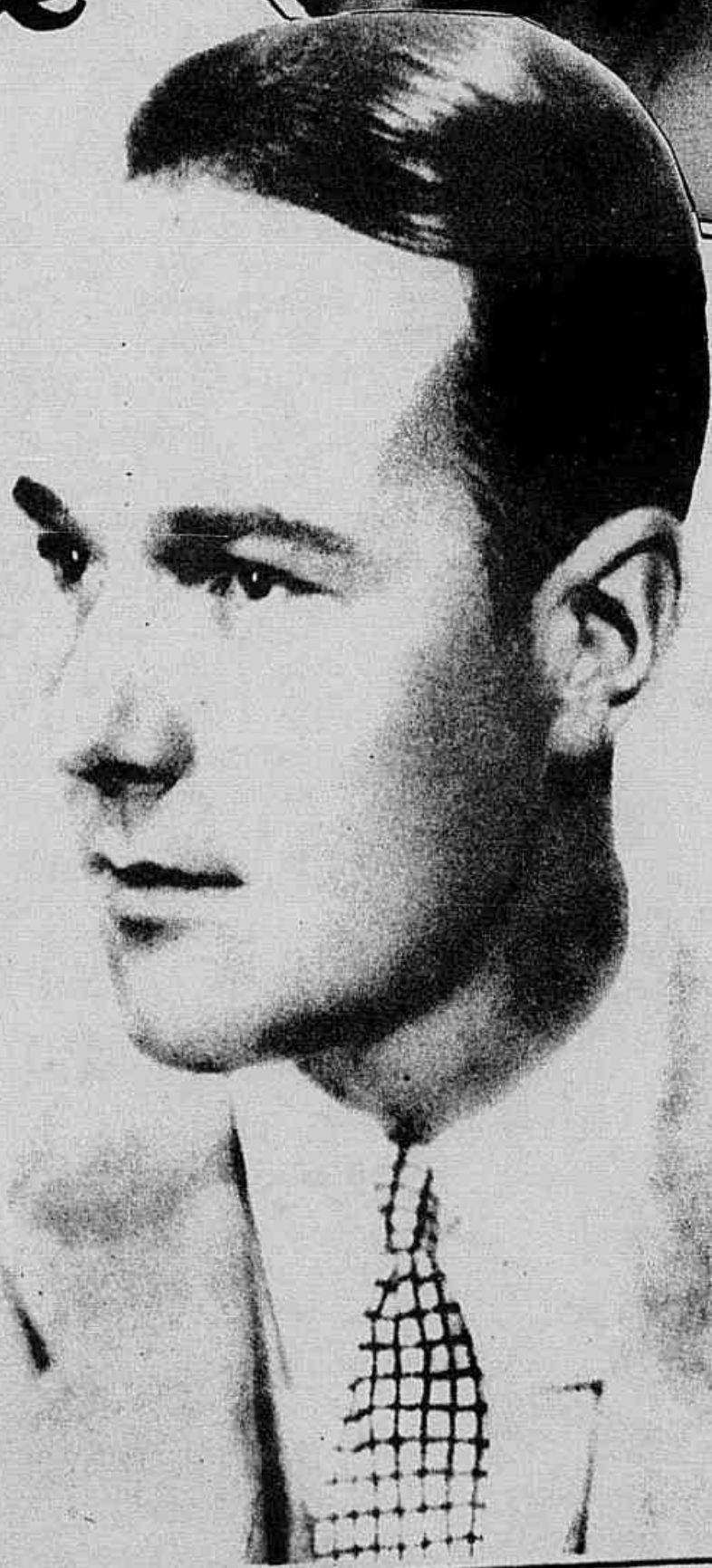
• • •

Ahi tendes um pallido esboço do *homem perfeito* das ansias insofregaveis de Alice White, o homem com o qual ella tem sonhado e busca insessantemente. Já por varias vezes tem a encantadora estrella perdido o dominio do seu coração para voltar a reapossar-se delle e controlal-o novamente sob o imperio do mesmo ideal.

Já lá se foram John Gilbert, Leslie Fenton, Victor Fleming, Dick Grace e agora Sydney Bartlett. Cada um desses possuia alguns dos requesitos do *homem ideal*, mas não todos. Não é que Alice White seja difficil de se satisfazer.

Oh!... isso, não!

E' simplesmente porque, diante della, sempre inattingivel, exhibe-se a imagem nubivaga do *homem dos seus sonhos*, impalpavel, nivea, perturbardora, como um phantasma querido, a accenar-lhe, a fascinal-a diabolicamente para um supplicio de Tantalo.

*Os olhos azues de George Bancroft.*

*O bom humor de William Haines...*

*O CABELLO NEGRO E ONDEADO DE JOHN GILBERT.*

# O Fernão Dias Paes Leme do Cinema Brasileiro...

(FIM)

sim, em 1919, em São Paulo, fundava-se a Rossi Film.

Já com a empresa em pleno funccionamento, Medina, a convite da "Paulista Film", resolveu, com Rossi, fazer "Como Deus Castiga", film em 10 actos, que tinha, entre outros artistas, Innocencio Collado, Antonio Tagliaferro, Raphael Franco, Maria Luisa Rodrigues e Carlos Ferreira, na sua primeira ponta em Cinema.

Depois disso, vendo que o exito era seguro, fez, em 80 metros, um pequeno film de enredo. Chamava-se elle "Exemplo Regenerador" e trabalhavam Waldemar Moreno, Lucia Lais e J. Guedes de Castro. Carlos Ferreira tambem fazia um pequeno papel. E, este film, Medina ainda exhibe até hoje.

Após este seu esforço, veiu, mezes depois, outro: — "A Culpa dos Outros", film em dois actos, para combater o alcool. O protagonista foi Carlos Ferreira e Medina Filho, um menino tambem artista de nascimento, um dos principaes. Marques Filho, o director da "Escrava Isaura" era o villão. Este trabalho, Quadros Junior exhibiu no Cinema Republica pouco após a sua estréa, isto é, em principios de 1922. E' mais tarde, Zanotta, o popular productor de chocolates, vendo o film, fez questão de exhibil-o ao Dr. Frederico Steidel que resolveu tambem compral-o para exhibir á Liga dos Bons Templarios, da qual era director.

Um dia, escrevendo um thema para uma fita, resolveu Medina concluir se era mais ou menos da mesma fórma que escreviam os norte-americanos os seus scenarios. E, achando-se nessa época no Rio de Janeiro, procurou o Dr. Mario Bhering, a esse tempo director de "Para todos..." e pediu-lhe qualquer cousa que o illustrasse melhor sobre o assumpto. Promptamente attendido, deu-lhe o Dr. Behring, gentilmente, um pequeno livro de Anita Loos aonde se liam indicações geraes para a construcção de uma continuidade. Voltou Medina com ella para São Paulo e, estudando-a, averiguou que, de facto, era aquillo mesmo que escrevia. Havendo apenas a differença de alguns termos technicos e outras pequenas minucias. E, assim, "Perversidade", a tal historia que elle tinha escripto, foi filmada. Custou-lhe o film 3:000$000 e lhe deu muito mais de 50:000$000... O anno passado este film ainda foi exhibido pelo interior do Estado. E, facto interessante, era um film em 6 partes. Medina, mais tarde, reduziu-o á cinco. A quatro e, hoje, só tem tres partes. E — diz elle concluindo a rir— parece-se com um Ford velho. Tira-se 70 peças e ahi é que elle funcciona melhor...

Após "Perversidade", Medina fez "Preludio que Regenera", do qual tirou duas copias com letreiros em inglez e os deu á um seu conhecido que o levou para os Estados Unidos. E, após este film, para aproveitar as qualidades de imitador de Charles Chaplin de um menino que se chamava José Vassallo. Assim, tirando-o das ruas, fiz delle um pequeno artista e, juntos, fizemos "Carlitinhos", comedia em dois actos coadjuvando-o Carlos Ferreira e Antonio Degani.

Depois deste film Medina fez o seu primeiro trabalho realmente grande. "Do Rio a São Paulo" para casar, comedia-drama em 8 actos, argumento de J. Canuto e desempenho de Waldemar Moreno, Marques Filho, Malvus Rey, Maria e Regina Fuina, Carlos Ferreira, elle proprio e J. Guedes de Castro. Foi um film que lhe deu bastante dinheiro e foi estreado em São Paulo no Cine Republica, correndo uma semana e, depois, no interior do Estado todo. Vendo, certa vez, que não dava mais nada o film, resolveu archival-o, satisfeitissimo com os seus resultados. E, assif, ia recolhel-o ás prateleiras, quando Gustavo Zieglitz comprou-lhe uma copia e o negativo todo do film por 10:000$000. Arrematando, diz Medina: — Cinema no Brasil, Octavio, é dos melhores negocios que se fazem. Quizera eu poder deixar todos os negocios importantes em que me acho envolvido para me dedicar a elle de corpo e alma! Nunca perdi tostão com Cinema! E tenho tido, mesmo, lucros bastantes compensadores!

"Gigi", antes de uma nova viagem aos Estados Unidos, foi um film que fez, adaptando a obra de Viriato Corrêa á téla. Trabalhavam Yolanda de Maio, Gervasio Guimarães e Carlos Haillot. Carlos Ferreira e Medina Filho tambem figuravam. O film tinha 6 actos e era adaptação feita por J. Canuto. Medina alugou o Congresso, por uma semana, e exhibiu-o. Teve lucro para cobrir tudo quanto gastara com o film, só nesta semana de exhibição. E, depois, arrendando-o, mais lucro ainda colheu!

Embarcando de novo para os Estados Unidos, aonde matém negocios de exportação de artigos brasileiros, para lá, taes como chocolate, doces, fumo, charutos, etc., Medina não se esqueceu de Cinema e isto lhe ficou mesmo como uma obsecação. Fazer films. De volta, 5 mezes depois, não pensava noutra cousa. E, se planejou, realizou: — concebeu a idéa de fazer uma serie de films curtos para complemento de programma. E, mais tarde, quando prompto o studio que vae mandar erguer em terreno vizinho á sua residencia, fará um film de longa metragem. E "Fragmentos da Vida", film curto, veiu á luz. E seguir-se-lhe-hão "Luzes que se Apagam", Crise" e "Dedo da Providencia". Depois pretende fazer um longo film.

Medina é apaixonado pelo Cinema Brasileiro. Aprecia todo e qualquer esforço. Dá valores e sabe, como ninguem, quando é que o productor de um film caça com gatos... Assim, commentando films da nova phase do Cinema Brasileiro, a verdadeira, por signal, diz que se impressionou profundamente com "Braza Dormida" o qual viu quatro vezes. Acha-o o melhor film brasileiro. Reconhece as falhas mas vê as possibilidades de Humberto Mauro cujo trabalho louva. Pedro Fantol e Maximo Serrano são artistas que elle admira immenso. E achou admiravel tambem Nita Ney, embora deslocada do seu verdadeiro papel. Viu, ainda, "Escrava Isaura", "Symphonia da Metropole" e "O Transito", infelizmente, diz elle. "Barro Humano" elle apenas viu um trecho. Por ter chegado tarde e não ter mais podido assistir. E, pelo que viu, achou que "Barro Humano" era um film que encerrava uma licção de moral grande e que tinha roupas, photographia e montagens muito bonitas.

Dos artistas nacionaes, commentando-os, Medina disse que, além dos já citados, aprecia muito Waldemar Moreno, Maria Fuina, Aurea de Aremar, e acha que Marques Filho é o melhor villão brasileiro. Eva Schnoor, tambem, causou-lhe profunda impressão. Impressão essa que elle externou em não poucas phrases.

Dos films americanos, os quaes elle assiste com grande attenção e com a vontade estudiosa de aprender, cita em primeiro "A Ultima Gargalhada", o seu film predilecto e, depois, "Aurora" e "O Edificador do Lar". Artistas, elle prefere Clive Brook, Percy Marmont e William Powell. E, artistas, Alice Joyce, Janet Gaynor e Lillian Gish. Considera Murnau o maximo director do Cinema e, depois, King Baggott. Aprecia ainda os films de Lubitsch.

Simples no trato e afavel de maneiras, Medina é um homem que captiva e que enthusiasma. Elle é modestissimo e um grande enthusiasta do Cinema. Tanto que o seu ideal é fazer tudo pelo Cinema Nacional.

Os films que elle prefere dirigir, são os dramas rusticos, genero "David, o Caçula" e aprecia immenso as historias sentimentaes. Não gosta de vampiros.

Só dá valor ás ingenuas.

Estudioso de Cinema, em sua casa Medina tem uma bibliotheca com varias obras sobre Cinema. E, ainda, amante de photographia e Cinematographia, tem um laboratorio, diversas machinas photographicas, uma machina projectora e, emfim, todo o aparato de um perfeito apaixonado do Cinema. O seu ideal é dirigir films. Ama este trabalho tanto quanto a sua propria existencia. E, ás vezes, afastado da Industria por outros negocios, logo que póde volta á mesma para de novo tentar. Mas, sempre tendo assistido ás compensadoras exhibições dos seus trabalhos. Nunca perdi tostão com film meu! Soube fazel-os com economia e com gosto artistico. Hei de produzir em grande escala e só farei Cinema, no dia em que conseguir desembaraçar dos meus demais negocios. Mas póde crer, não hei de socegar emquanto não fizer da Cinematographia Nacional o meu unico meio de vida!

Apaixonado pelos bandeirantes e suas aventuras, Medina sonha com a vida de Fernão Dias Paes Leme e, tenciona, mesmo, quando houver opportunidade, filmal-a. E' um dos meus sonhos! Fal-o-hei verdade? Ou não será, tambem, uma miragem de esmeraldas?

— Se nos unissemos, moralmente, nós os productores que fazemos films para o bem da Patria e pela moral, e juntos produzissemos os nossos films, fazendo, como disse o Gonzaga, emquanto não houvesse protecção official á industria, um congresso de perpetuo contrôle á industria, para afastar os maus elementos e para aproveitar os bons, venceriamos! Ainda mais agora que o film falado veiu desguarnecer a industria norte-americana da sua maior coragem, a producção silenciosa! Agora mais do que nunca tenho a plena convicção na victoria! Ella não está longe e será completa!

Foram as ultimas palavras de José Medina, antes de, sahindo, apertar-lhe a mão que, num sorriso offerecia-me. E, na rua, satisfeito, commentava commigo mesmo: — é dos bons! é dos bons!

# *Cupido e o Cinema...*

(FIM)

"reprise" na vida real. Isso não é facil. Felizmente a camera não photographa phrases literarias. Felizmente não. Não é possivel. Cinema é acção, movimento, "motion". Cada quadrinho de celluloide precisa ter uma velocidade extraordinaria para que o "drag" não venha arrebentar a continuidade das sequencias. Como nos "talkies". Por isso deformam o amor. Necessitade de mechanica da acção. Inventam movimento.

Engenham as tramas mais descabidas, rodeiam os amantes da téla das aventuras mais rocambolescas, com villanias de lutas corporaes, com correrias espevitadas de apaches e midinettes, e sobretudo com beijos que pela sua duração, intenção e vulgaridade — assegurem na bilheteria do mundo inteiro o successo financeiro da empreitada.

E nada mais.

# A primeira vez que Clara Bow andou de trem

(FIM)

Uma vez ali, chamei Schulbwg. "Que aconteceu? exclamou elle. O meu pessoal disse que vocês não estavam no trem. Eu havia arranjado uma excellente publicidade".

"Vocé comprehenderá a coisa quando vir Clara", respondi-lhe eu".

Meia hora depois achavamo-nos no seu escriptorio. Elle examinou Clara e depois voltou-se para mim. "Isso é brincadeira? indagou elle. Mas essa rapariga é qualquer coisa de inviavel!"

Fiz-me eloquente, pleiteei — a minha viagem não podia ficar perdida. "Dou-lhe um test já, neste instante", suppliquei eu. E Schulberg accedeu.

Elle proprio foi dirigir o test, num palco exposto ao ar frio. Foi a mais brutal experiencia que poderia soffrer uma rapariga. Uma aventura commum se teria sentido petrificada de medo, comprehendendo que o seu futuro estava ali numa balança, uma injusta balança. Clara não! Não a simples, a primitiva Clara. Ella se submetteu ao test com a mesma calma que se submette hoje.

Sem make-up, com aquelle odioso sweater e a horrivel saia, ella percorreu toda a escala da emoção.

Schulberg mandou-a rir. Ella riu. De repente elle ordenou: "Pare de rir. Chore!" Immediatamente, num pestanejar, uma torrente de lagrimas correu-lhe dos olhos. Era uma verdadeira machina de emoções!

Schulberg voltou-se para mim, levantou as mãos e exclamou: "Você ganhou a partida!".

O resto pertence á historia do Cinema. Narrei aqui uma phase da vida de Clara Bow que nunca fôra contada.

Ella mudou, já se vê, adquiriu "pose" e uma certa especie de reserva. Mas, no fundo, ella continua a mesma rapariga ardente e simples. Porque de outra forma, ella não seria a grande artista que é.

# *De Bello-Horizonte*

Que dizer-se do estado da producção cinematographica nesta Capital?

Que é uma lastima, que nasceu morta, que está paralysada, que nunca foi adeante, que não terá sorte?

Tudo isto é verdade, e verdade lastimosa de dizer-se. E agora que a producção de Cataguazes, do Rio e de S. Paulo já elevou tanto o nivel de valor dos nossos films, muito mais difficil se torna fazer fita que se destaque na critica e nos commentarios. Por isso é provavel que a contribuição bello horizontina para o Cinema nacional tão cedo não se torne num factor ponderavel de progresso.

Em outros tempos, sim. Quando a pasmaceira era completa, de Norte a Sul, reinava aqui a Bonfioli-Films, productora de um super-film, "A Primavera da Vida", baseado num enredo do professor Annibal Mattos e com varios artistas que, hoje, nem se sabe por onde andam.

A' "Primavera da Vida" não se seguiu nenhuma outra producção de enredo. A Bonfioli limitou-se a filmar fitas naturaes ou de actualidade e, afinal, ficou sendo a productora official do governo, acompanhando presidentes ou executando encommendas de alguns films instructivos.

Depois, appareceram duas novas fabricas: a Bello-Horizonte-Film, do Sr. Penna — e a Libertas-Film, do Sr. Silva.

Foi por essa época que surgiu inesperadamente "Entre as Montanhas de Minas", como surgiram tambem algumas outras fitas que, embora annunciadas, nunca chegaram a ser exhibidas, talvez mesmo porque o annuncio precedeu a filmagem e esta, afinal, não se realizou.

Foi maior a actividade da Libertas-Film. Durante o Carnaval deste anno, graças a um entendimento com o "Estado de Minas", a citada fabrica tirou algumas vistas dos festejos e dos festeiros e enfeixou-as num film de dois actos que foi, por fim, exhibido.

(Termina no fim do numero)

# Sangue Mineiro

VAE SER VISTO AGORA.

CARMINHA SANTOS E LUIZ SOROA

CARMINHA VAE ESTRÉAR NAS NOSSAS TÉLAS E O GALÃ DE "BRAZA DORMIDA" TEM UM DESEMPENHO ADMIRAVEL.

# Olympio Guilherme encontrou o Papae Noel de Hollywood

**(Conclusão do numero passado).**

— Eu sou São Nicolau!

Era o S. Nicolau de Hollywood, desde ha tres annos, por morte do Father Gordon. Fôra escolhido entre dezoito. E todos os annos, do dia 10 até o dia 26 de Dezembro, tinha um contracto com a Camara de Commercio. Fazia o S. Nicolau. Santa Claus. Forneciam a vestimenta. A classica tunica encarnada, a barra de arminho, o capuz e as botas de verniz. A barba, já se sabe, era natural. Um diabinho preto manejava o trenó de renas pelas ruas sem neve da cidade do Cinema. E sorrindo, feliz, carregado de bonecas, automoveis e aeroplanos, — ia elle rodeado pela criançada boquiaberta. Tudo publicidade promovida pelos commerciantes. Aquelles dez dias sustentavam-no' para o resto do anno . E era feliz.

Atirou o charuto para fóra e terminou:

— Este anno vão pagar mais — segundo me disse o S. Nicolau de S. Francisco. Mas a Saúde Publica prohibe os beijos. Diz que é antihygienico. Posso carregar as crianças, brincar com ellas, mas nada de beijar, como era de costume. Vão extranhar muito. Hão de pensar que eu estou indifferente.

E sorria como um bemaventurado.

O sol já sahira. A estrada, molhada, parecia um taboleiro de marmelada fresca. A neblina ia aos poucos desapparecendo — emquanto ao meu lado o risonho S. Nicolau de Hollywood tentava tirar do dedo sem rasgar , o annel de papel dourado do charuto. . .

# O Homen dos Diamantes

( F I M )

E, rapida e insensivel, correu á estrada em busca dos dois homens com quem partiria. Mas Childers havia dito ao capataz:

— Deixa-te de tolice. Não me vás complicar a vida com as tuas aventuras amorosas!

O homem, grosseiro, respondêra:

— Fica-te com a tua mina... que eu partirei com a minha...

E, embriagado e feroz, arrumou um formidavel ponta-pé no outro que o fez cahir de costas, sobre a estrada. Então, furioso, Childers, soerguendo-se desfechou um tiro no seu inimigo, matando-o. O cadaver tombou para dentro do automovel, onde se encontrava. Atemorisado, Childers tratou, immediatamente, de fugir deixando aquellas paragens onde a sua ambição se havia degenerado em crime. Emquanto isto se passava, a teimosa esposa, que tivéra a crueldade de abandonar a' sós, seu marido amarrado, sem movimentos, a uma cadeira, e que corria em direcção do automovel dos dois homens, ouvira com expressivo pavor, o urro de um leão não muito afastado. O coração aos saltos, apavorada, estacou. A terrivel féra, cujo impressionante rugido ella acabára de ouvir, approximava-se da casa, onde, privado dos movimentos, e, portanto, sem defesa, o pobre marido ficára sosinho. E' num momentos destes que os grandes sentimentos e as grandes qualidades se revelam.

Energica, corajosa, como tocada de um raio luminoso de audacia, Norma veiu em soccôrro de seu marido. O leão pulára agora a janella baixa e armava já o bóte para devorar aquella prêsa que fitava nelle uns olhos estarrecidos pelo pavor. Mas a medrosa esposa, que, antes, só de ouvir, ao longe, o rugir sinistro de algum leão, punha-se a tremer de medo, apresentava-se agora, subitamente transfigurada, espingarda em punho, a abater com um tiro certeiro a ameaçadora féra . Era mais um dos constantes e admiraveis milagres que só o amor sabe realisar.

Norma amava o marido de uma maneira surprhendente, mas a raiva que sentira em se ver castigada pelas suas ambições desmedidas, impedira que transparecesse, sob a mascara de odio que afivellára o rosto, a verdadeira expressão do seu verdadeiro amor. Agora, que a féra abatida, alli testemunhava melhor do que tudo, dos sentimentos da esposa, Michael viu-a chegar a si, carinhosa e assustada, a desamarrar-lhe os braços, e seccar-lhe com cuidado, a ferida da fronte, a emballal-o nos seus braços consoladores... Michael sorriu, sorriu com indizivel felicidade, da sua obra... Era amado, pela sua Norma... Não pelo seu dinheiro, não pelos seus diamantes...

☫

Agora no palacete cercado de luxuriante verdura, Michael contempla, com alegria inenarravel, os arredores daquelle longinquo rincão africano... Agora tem a sua mulhesinha enlaçada em seus braços, carinhosa e feliz, indifferente a todas aquellas sedas e apparatos que os cercam...

— Agora, sim, diz elle pausadamente; agora sei que me amas, por mim, pelo homem que sou. Mas como foste cruel, a principio... Cheguei a desanimar a te detestar...

— Michael, eu era uma pobre creatura enganada e pessimista. Cresci num ambiente de ambições, de necessidade. A onde procurava eu a felicidade, o amor, a tranquillidade, encontrava apenas a febre e o delirio do dinheiro. O primeiro homem que se interessou por mim e que eu tentei amar, atirou-me em teus braços, como um objecto de utilidade, na ambição desmedida do ouro e da riqueza. Enojei-me do mundo. Senti-me pequenina, atropellada no turbilhão da vida. Por um orgulho tolo de mulher que se sabe bonita e se revolta ante a inutilidade alarmante da sua belleza, tambem eu quiz ser alguem, ter alguma coisa, fazer como os outros... Tu estavas no meu caminho, rico, muito rico, a me offerecer a arma com que me vingaria da vida. Acceitei. Acceitei e odiei-te ao verificar que me enganavas. Estaria eu sempre destinada a ser pobre? Fui injusta, cruel, desagradavel. Mas sabe Deus como sonhava á noite comtigo, com o teu amor puro, sem odios, sem rancores, sem dinheiro... E passei a te admirar, a te adorar de uma maneira frenética e perigosa. Era preciso, então, redobrar de friezas e indifferenças, para que nada percebesses do que se passava em mim. No fundo, tinha, mesmo, odio de ti, odio porque me revelas-te um mundo novo que o meu orgulho me impedia de attingir.

Quantas vezes, quantas, quando tentavas beijarme, tinha eu ansias de acolher-te e gritar-te: meu amor... Mas as minhas mãos tornavam-se geladas, e eu me rebellava, empurrava-te, louca, porém, para ser a mais fraca da luta... Mas tu, desistias, resignado e paciente... Então, odiava-te mais. Não perdoava a tua resignação, a tua paciencia... Para evitar o horror delicioso dessa existencia torturante e embriagadora, eu quiz fugir, e, num momento de loucura, tive a coragem de deixar-te só. Mas aquelle rugir daquella féra atterrorisadora, transtornou tudo, modificou tudo... Corri a salvar-te. Minha vida já de nada mais valia... A tua é que me interessava...

— Meu amor, minha vida... murmurou o homem dos diamantes, emmocionado.

Dir-te-hei agora como naquelles versos lindos de Musset, exclamou com um lindo sorriso a encantadora e apaixonada esposa; não me chames de tua vida... chama-me de tua alma...

"car l'âme est immortelle, et la vie n'est qu'un jour..."

**L. L. CARLOS**

**Especial para "Cinearte"**

# As Coristas de Hollywood

( F I M )

As coristas da Broadwey, cheias de si e de perolas falsas são individualidades absolutamente desconhecidas em Hollywood. O Cinema quer é acção... e não fitas... As Salomés do palco não servem para a téla. As coristas têm que ser mais moças e mais pequeninas, para serem mais attrahentes.

Nenhuma corista, em todo o mundo, está em mãos mais capazes do que as coristas de Hollywood. Larry Oeballos, Sacumy Lee, Pearl Eaton, Albertina Rasch, Danny Dare e Aeymour Felix, todos de Hollywood, conhecem os segredos de Terpsichore, e a fundo.

A Firts National e a Warners, com aquella serie de comedias musicadas e de revistas, têm andado ultimamente numa procura de coristas digna de ser apontada aqui.

Quinhentas coristas foram empregadas em "The Show of the Show". A First mantém uma grande quantidade dellas em trabalho constante. "Rio Rita" e "The Love Parade" são films que deram trabalho a uma verdadeira legião dessas coristas. Talvez haja umas 400 dellas sob contracto, nos studios da M. G. M.

A First National foi quem tomou mais a serio esse novo problema das coristas. Assim, procurou, e achou uma pequena, Maxime Cautway, que, diz a First, é o typo ideal da corista cinesca.

Outro studio preparou um questionario. As perguntas inclusas eram mais ou menos as seguintes: "Qual a sua ambição?" "O passatempo que mais lhe agrada?" "O genero de leitura que mais lhe agrada?" "Quaes são as suas estrellas e actores favoritos?" "Emprega a dieta?" "De que modo emprega as suas noites?".

Algumas pequenas tomaram o questionario a serio, mas outras levaram-n'o como si fosse uma bôa brincadeira, dando respostas gozadissimas. Eis algumas das respostas dadas áquella pergunta "De que modo emprega suas noites?:

"Não é da sua conta". Trabalhando no studio". "Pergunte ao meu pequeno". "Em casa, cerzindo meias". "A' procura de uma emoção".

As estrellas e os astros favoritos foram dados como sendo Billie Dove e Dorothy Mackaill, que começaram como coristas; Greta Garbo e Nils Asther; e um numero respeitavel de votos recahiu em Clara Bow, John Gilbert e Ramon Novarro.

E' inutil julgar que uma corista não goste de livros, porque ellas sempre carregam um comsigo. Todas preferem tal ou qual genero de literatura, mas o typo de novella que obteve mais votos foi o romance de aventuras.

Nenhuma dellas emprega a dieta. Uma pequena deu a seguinte resposta: "Quando trabalhamos, digerimos tudo quanto ingerimos. E quando não estamos trabalhando, ingerimos para termos o que digerir quando estamos dansando".

Nenhuma dellas, mas nenhuma mesmo, tem ambições de se tornar algum dia em uma estrella do Cinema, quer falado ou silencioso. Todas se acham contentes com os seus cargos, e gostariam de morrer dansando. Uma ou duas, apenas, confessam que lhes agradaria um marido. Muitas asseveram serem capazes de cozinhar, mas si lhes fôrem perguntar si esse trabalho lhes agrada, todas, sem excepção, responderão com uma negativa.

Não ha uma só dellas que possua um automovel. Os Rolls-Royce, entre as coristas de Hollywood, são um mytho. Mas vão guiando o carro-bagunça do papai, outras vão ali no calcante, até o studio, como faziam as outras antigamente.

Se ha um momento de descanço, depois de uma dansa, umas vão dansar pelo prazer da arte, outras ficam folheando magazines, outras ainda iniciam um "bridge" á brinca, como nós dizemos, ou a 50 réis a ficha, no maximo.

As coristas que se vêem na First, Warners, Paramonut, etc., têm todas o mesmo typo: pequeninas, espertas e bonitinhas.

As "girls" de Albertina Rasch, no studio da M. G. M., são um pouco differentes. Madame Rasch foi alumna das melhores escolas de dansa da Europa, e já fez parte, como primeira bailarina, do corpo de bailes da Opera Metropolitana de Nova York. As suas alumnas são mais altas e mais cheias de corpo que as outras. Mas é porque ellas têm que ser assim. Quando ensaiam uma dansa, não se ouve musica. Apenas o compasso rythmico, marcado pela mão de Madame Rasch. Ella tem um systhema rigoroso de exercicios, que devem ser praticados diariamente pelas alumnas. E a primeira das dansarinas, que ousasse responder a uma das suas ordens, seria litteralmente aniquillada por Albertina Rasch. Como todos os europeus, a discipula para ella é tudo.

Sem duvida, entre as coristas do Cinema de hoje deve haver uma Dove, uma Bow, uma Shearer, ou uma Daniels. Não ha corista de Ziegfeld que as vença em belleza. E isso porque ellas precisam ser bonitas. A ribalta e a maquillagem do palco escondem facilmente as rugas e a placidez da pelle. A camara é menos misericordiosa. Certamente que as coristas de Broadway ainda não attingiram siquer a casa dos trinta. Mas si vocês acreditam no que lhes digo, não ha uma só corista, em Hollywood, que tenha attingido já a casa dos vinte e cinco, chamada a Idade do Amor e das Illusões...

# Loucos por Greta Garbo

( F I M )

A sua collecção de photographias de Garbo é superior á da M. G. M. e eu tenho ordem permanente de lhe enviar todos mais que appareçam.

Cito este caso apenas para mostrar o que é capaz Garbo de fazer a um desses jovens experientes de New York. Garbo, como se diz em linguagem popular "não respeita caras".

O busiris ou historia é que ninguem conhece exactamente a personalidade moral de Garbo. Os reporteres são para ella um verdadeiro fragello. Apesar da tremenda caça que lhe dão, raramente conseguem approximar-se della o bastante para verem mais do que uma figura esguia de qualquer boneca.

Hollywood acha-se naturalmente sempre cuminado de commentarios a seu respeito, mas não passa isso de mexericos.

Os artigos que apparecem nos magazines são, com poucas excepções, phantasias ou repetições de todas as velhas historias. Durante o periodo delicado do casamento de Gilbert com Clair, Garbo usou de excellente tatica. Aos reporteres que a procuravam ella não disse palavra, com a sua suave leoquencia. Affirmase que um primitivo conseguiu fazel-a quebrar o silencio momentaneamente — mas o artigo nunca foi publicado nem o será provavelmente.

Apesar de todos os mexericos e curiosidades, Garbo continua uma conjectura, uma interrogação.

Tiro-lhe o chapéo. Ella não é sómente uma grande artista; tenho a convicção de que, num sentido, Garbo é uma grande mulher. Ella é uma das poucas pessôas neste mundo que fazem exclusivamente o que lhes agrada. E isso lhe tem rendido milhões.

Ella deslisa pelo seu caminho, suave e serenamente sem se aperceber do que vae pelas margens da estrada.

Eu sorrio com scepticismo do curioso espectuculo de Greta Garbo, mas curvo-me em admiração. Da estirpe real que vae desapparecendo e sendo substituida por figuras communs, erradas e defeituosas de homens e mulheres, só ella substitue — a maior e a mais solitaria de uma poderosa linhagem.

# Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$—
Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia. como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada. com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO




## De Bello-Horizonte

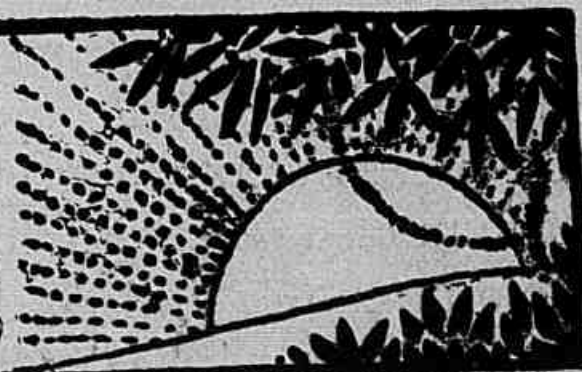
(FIM)

Na occasião da vinda, aqui, de Humberto Mauro, a Libertas foi tomada de subito enthusiasmo, mobilisou as suas forças, delineou mesmo um "capolavoro" que já tinha titulo e actores, e ao qual faltavam talvez sómente o enredo e o capital.

Como eram, justamente, factores insubstituiveis, o "capolavoro" não chegou nem a ser iniciado e, no fim das contas, a Libertas fez, com outros actores, um curto film de dous actos que não foi exhibido ainda. Será elle exhibido?

Accumulam-se assim os fracassos, causados tão sómente pela precipitação, pela má orientação, pela falta de saber e, peior ainda, pela teimosia em não querer saber.

Porque, afinal, provado está, á sociedade, que Cinema é industria para dar dinheiro, muito dinheiro, para dar juros fabulosos aos capitaes que nelle se inverterem. E isso, pondo-se de lado a outra face da questão, a face patriotica — o Brasil independente e o Brasil conhecido.

O que nós temos visto aqui, é mais ou menos isto, qualquer pessoa, de repente, resolve ser productor. Sem capital, sem recursos materiaes, ás mais das vezes sem conhecimentos, sem habilitação, elege-se comtudo chefe supremo da empresa, escolhe meia duzia de interpretes auto-photogenicos e sem vocação, escolhe tambem um titulo

bonito para o futuro film (antes de resolver qualquer cousa quanto ao enredo), manda fazer ampliações horrendas de photographias do galã e da heroina, e nisso se resume a actividade da fabrica.

Alguns ensaios a esmo e, quando se chega a filmar alguma cousa, a fita não encontra quem a alugue.

Por isso é que o Cinema nacional encontra difficuldade para desenvolver-se. Mas a quem cabe a culpa?

Ainda agora, a Libertas-Film anda querendo transformar-se em sociedade anonyma. Nada mais acertado, uma vez que para fazer fita é preciso capital.

Uma vez formada, porém, tal sociedade, necessario será uma orientação segura, necessario será que haja pessoas habilitadas nos varios cargos de responsabilidade, que haja um enredo com scenario cuidadosamente estudado, direcção habil, interpretes susceptiveis de exito e photographia que possa ser vista.

Porque o fracasso de uma empresa assim, de maior monta, talvez redunde em muitos annos mais de completa inactividade no meio cinematographico desta Capital. E não é preciso accrescentar que seria então um caso desastroso, mas desastroso mesmo de verdade... *Boles*

(Correspondente de Cinearte)

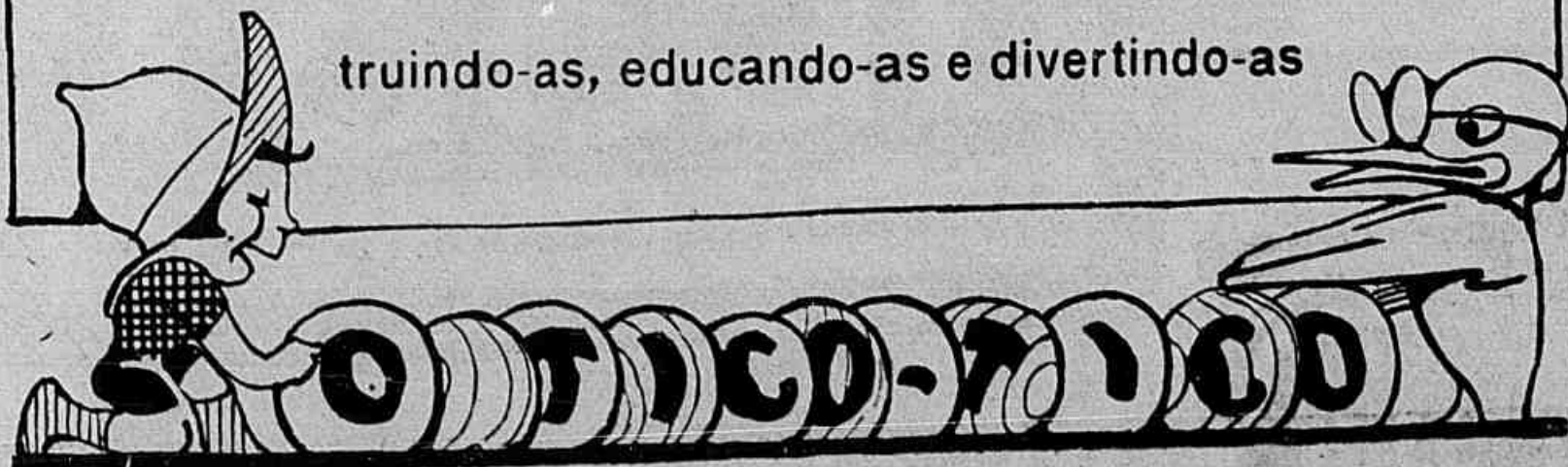
Agora que estamos na época das versões mudas dos films falados, os productores americanos deviam dar mais attenção a este caso, porque o film não é uma cousa em que se possa fazer assim dessas transformações. A nossa opinião é que hoje existe o Theatro, o Cinema e o Cinema Falado. Este é tão differente do segundo como este do primeiro. E' impossivel fazer um bom film silencioso de um film falado com a technica actualmente usada.

Os productores deviam procurar um technico para fazer estas adapções, porque se não sahissem perfeitas ao menos sahiriam supporveis. Em "Curvas perigosas", por exemplo, aquella scena em que Clarinha vae ao quarto de Richard Alen chamal-o para voltar ao circo, podia ser muito mais curta. Dois letreiros explicariam tudo e o resto da scena poderia ser cortado para se approximar mais do rythmo do film silencioso. Só substituir os dialogos por letreiros não basta. Os productores poderiam mesmo filmar algumas scenas mais, para servirem nas taes "versões"....

* * *

DE UM JORNAL DO RIO:

*Falleceu Augusto Bruckner, o heroico chefe da expedição cinematographica da Ufa ao Amazonas*

Recebemos noticias de Pará, dizendo que no hospital dessa cidade e em consequencia de uma operação, falleceu Augusto Bruckner, chefe da expedição da Ufa ao Amazonas.

Ha seis mezes, o heroico expedicionario allemão confeccionou um film cultural no alto Amazonas, para a dita empresa, que estava quasi prompto, quando o notavel cinematographista foi accommettido de uma grave doença do figado, que o obrigou a interromper seu trabalho e recolher-se a um hospital da capital.

Os medicos reconheceram logo a necessidade de uma operação que, infelizmente, teve um exito desfavoravel e, em consequencia, motivou a morte do enfermo.

Está ahi uma noticia que entristece porque se trata da perda de uma vida, mas que a gente vê, no fundo, uma reacção da agua ou cousa que o valha, do Amazonas, como que fazendo justiça. Porque, a verdade, nós já estamos cheios destes films culturaes. Elles, afinal, representam sempre um grande descredito para o Brasil. Felizmente, na nossa terra, a agua ou o mosquito é, ás vezes, bem patriotica...

* * *

Hoot Gibson já fez outro film, "Courtin Wilcats".

E' AGORA A SUA OPPORTUNIDADE

de fazer uma experiencia da Pepsodent a preços reduzidos. Convença-se de que ella effectivamente remove a pellicula escura que lhe cobre os dentes e os deixa de uma deslumbrante brancura.

Si cada socio enviasse a Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...
RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar



UMA OPINIÃO DE MARY PICKFORD:

"Os films fallantes estão fallando demais. O film ideal será a combinação do film silencioso e o fallado. Uma linguagem universal é necessaria para a popularidade universal do film fallado."

* * *

UMA OPINIÃO DE GLORIA SWANSON

Ha sómente uma mulher bella no Cinema. E' Corinne Griffith. O resto de nós todas, são "typos".

"Anna Christie" já foi apresentado ao publico. E' a primeira vez que Greta Garbo fala nos films e disse Walter Greene, um critico do "News" que a sua voz é igual a sua personalidade. Clarence Brown foi o director e foram muito elogiados os desempenhos de Marie Dressler, Charles Bickford e George Marion que já vimos tambem na "Anna Christie" de Blanche Sweet.

* * *

Ken Maynard e Dorothy Dwan apparecem em "The Fighting Legion", da Universal.

Offs. Gphs. d'O Malho